

## CAP. 2 - SENTENÇAS POSSESSIVAS E EXISTENCIAIS

Juanito Ornelas de Avelar\*

Universidade Estadual de Campinas

### SUMÁRIO

#### Introdução

1. Sentenças possessivas e existenciais no português brasileiro: panorama descritivo
  - 1.1 Sentenças possessivas
  - 1.2 Sentenças existenciais
  - 1.3 Expressões de tempo decorrido
2. Sentenças possessivas e existenciais no português brasileiro: panorama formal
  - 2.1 Configuração sintática das orações possessivas
  - 2.2 Configuração sintática das orações existenciais
  - 2.3 O estatuto categorial das expressões de tempo decorrido
3. Panorama diacrônico-formal sobre as orações possessivas e existenciais
  - 3.1 Sentenças possessivas no português brasileiro oitocentista
  - 3.2 As sentenças existenciais com *ter* no conjunto de inovações do português brasileiro
  - 3.3 ETDs na diacronia do português brasileiro

#### Conclusão

### INTRODUÇÃO

O emprego de *ter* como verbo existencial canônico é uma das marcas mais proeminentes do português brasileiro, em contraste com o português europeu. Embora haja ocorrências de construções com *ter* que podem ser analisadas como existenciais em estágios anteriores da variedade europeia, não há registro de qualquer momento histórico do português europeu em que *ter* se mostre tão ou mais frequente do que *haver* em orações que servem à interpretação existencial, como vemos no português brasileiro. Os estudos mais recentes em torno do tema sugerem que, no final do século XIX, *ter* já se apresentava como o principal verbo existencial das variedades vernáculas brasileiras. Como será mostrado ao longo de capítulo, essa mudança não consiste em uma mera substituição de um item por outro (no caso, de *haver* por *ter*), mas na concorrência de duas configurações sintáticas distintas, ambas com interpretação existencial, que culminou na vitória daquela que promove a realização do verbo *ter*. Para entender como esse processo teve lugar no português brasileiro, sem qualquer paralelo quantitativo e qualitativo no português europeu, é importante analisar um paradigma mais amplo de construções, que envolve, para além das existenciais, as possessivas e as chamadas *expressões de tempo decorrido* de base possessivo-

existencial. Este capítulo irá, assim, se ocupar de diferentes aspectos envolvidos na sintaxe de construções com *ter*, *haver* e *estar* em sentenças que servem à expressão de posse e existência na história do português brasileiro, do século XIX aos dias atuais.

O capítulo se encontra dividido da seguinte forma: na seção 1, será apresentado um panorama descritivo sobre as construções possessivas e existenciais no português brasileiro contemporâneo, aí incluídas as chamadas expressões de tempo decorrido com *ter*, *haver* e *estar*; na seção 2, os mesmos tipos oracionais serão tratados de uma perspectiva formal, à luz de pressupostos da sintaxe gerativa, mais especificamente dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros; na seção 3, o capítulo se ocupa das mesmas construções no eixo diacrônico, procurando estabelecer formalmente uma hipótese para a emergência de *ter* como o verbo existencial canônico do português brasileiro; a última seção apresenta as conclusões do capítulo, destacando a relevância dos resultados alcançados até aqui para os estudos sobre as sentenças possessivas e existenciais na história do português.

## 1. SENTENÇAS POSSESSIVAS E EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PANORAMA DESCRITIVO

### 1.1 Sentenças possessivas

No português brasileiro, as sentenças possessivas são canonicamente realizadas com o verbo *ter*, como nos exemplos em (1) a seguir. O verbo *estar* pode compor uma locução com a preposição *com* e também ser licenciado em certos tipos de construções possessivas, como nos exemplos em (2).<sup>1,2</sup>

- (1) a. “*ela tem alguns retratos em casa*” (PEUL-CENSO 01/80)  
b. “*eles tinham medo era do católico passar para o protestante*” (PEUL-CENSO 08/80)  
c. “*tem que ter dinheiro pra pagar*” (PEUL-CENSO 03/80)
- (2) a. “*tava com vontade de vir*” (PEUL-CENSO 01/80)  
b. “*aqueles nhoque já tá com sal, feito um macarrão*” (PEUL-CENSO 17/80)  
c. “*Ele tá com uma diarreia que não há médico que cure*” (PEUL-CENSO 12/80)

Em termos semântico-discursivos, a oposição entre *ter* e *estar com* reporta, *grosso modo*, à distinção entre a expressão de posse permanente ou duradoura (com *ter*) e a posse transitória ou recentemente adquirida (com *estar com*). O contraste entre as construções em (3) a seguir ilustra essa distinção: a sentença com *estar com* só pode ser aceita numa situação em que o rapaz esteja usando lentes de contato azuis, mas nunca para expressar que a cor natural dos seus olhos seja azul, o que só é possível com o emprego do verbo *ter*.

- (3) a. *Aquele rapaz tem olhos azuis.*  
b. *Aquele rapaz está com olhos azuis.*

As sentenças apresentadas em (4)-(6) a seguir, que trazem termos designativos para doenças e condições físicas e/ou mentais especiais, corroboram essa generalização. Em (4), nomes de doenças comumente vistas como sendo adquiridas, mas não passageiras, ocorrem como complementos tanto de *ter* quanto de *estar com*. Em (5), diferentemente, os termos passam a designar doenças adquiridas, mas transitórias, o que parece dificultar a ocorrência de *ter*.<sup>3</sup> Em (6), ocorrem condições ditas congênitas, interpretadas (pelo menos em termos laicos) como não adquiridas e não transitórias, o que bloqueia a ocorrência de *estar com*. O caráter de “condição (recentemente) adquirida” parece, portanto, ser o que licencia a ocorrência de *estar com* em tais casos; já a presença de *ter* parece associada a um caráter mais permansivo ou intrínseco.

- (4) a. *Aquele homem tem labirintite / diabete / leucemia.*  
b. *Aquele homem tá com labirintite / diabete / leucemia.*
- (5) a. # *Aquela mulher tem gripe / dengue / catapora.*  
b. *Aquela mulher tá com gripe / dengue / catapora.*
- (6) a. *Aquela criança tem síndrome de Down / lábio leporino / autismo.*  
b. # *Aquela criança tá com síndrome de Down / lábio leporino / autismo.*

Vale notar que a inserção de uma expressão frequentativa (como *sempre* e *todo ano*) junto a nomes como *gripe* abre espaço para o licenciamento de *ter*, como nos exemplos em (7) a seguir. Em contraste, é a ocorrência de *estar com* que parece ser dificultada em alguns casos desse tipo. Em tais sentenças, *gripe* passa a ser apontada como uma doença recorrente, o que justifica a ocorrência de *ter*.

- (7) a. *Meu amigo sempre tem / tá com gripe.*  
b. *Meu amigo todo ano tem / # tá com gripe.*

Até onde se saiba, não há estudos quantitativos sistemáticos sobre a variação entre *ter* e *estar com* nas construções possessivas em que os dois itens podem ser empregados. Também se desconhecem, até aqui, estudos sobre possíveis diferenças entre o português brasileiro e o português europeu no que diz respeito a essa variação. A variação entre as duas formas parece ser estável, não havendo, pelo menos à primeira vista, qualquer sinal de que uma forma esteja avançando sobre o campo da outra entre as orações possessivas.

Sobre o sentido preciso assumido pelo verbo no conjunto das construções que chamamos de *possessivas*, é possível afirmar que não se restringe à noção de posse propriamente dita, observada, por exemplo, com o verbo *possuir*. Depreender um conteúdo nocional uniforme veiculado pelas possessivas parece inviável, dado o caráter difuso das relações estabelecidas entre as entidades expressas nas sentenças com *ter* ou *estar com*. Enquanto construções como aquela em (8a) a seguir podem ser tomadas como inerentemente possessivas (com *o Pedro* sendo interpretado como o possuidor de *um livro*), as sentenças em (8b) e (8c) não servem propriamente à expressão literal de

posse: *o Pedro* não pode, nesses casos, ser estritamente interpretado como possuidor de *professores muito bons* ou de *várias linhas de ônibus*.

- (8) a. *O Pedro tem um livro.*  
b. *O Pedro tem professores muito bons.*  
c. *O Pedro tem várias linhas de ônibus que ele pode usar perto da casa dele.*

Dentre outras razões, esse caráter semântico pouco delineado atua como o principal argumento para considerar *ter* um verbo leve – ou seja, um verbo sem (ou de reduzida) força predicativa, o que implica afirmar que se trata de um item incapaz (ou com capacidade limitada) de atribuir papéis temáticos aos argumentos da oração (ver Viotti 1999 e Avelar 2009d)<sup>4</sup>. A mesma observação vale para *estar com*, tendo em vista o caráter semanticamente leve do verbo que compõe a locução, consensualmente refletido na sua caracterização como uma das cópulas do português, ao lado de *ser*. Para dar conta da abrangência da noção de posse, a natureza da relação possessiva pode ser caracterizada como sendo de diferentes tipos: posse material, imaterial, intrínseca, inerente, locativa, temporal, psicológica, estativa etc. A depender do conteúdo endereçado, a forma verbal dita possessiva pode ser substituída por um verbo semanticamente pleno, capaz de captar o sentido da predicação, como nos casos exemplificados em (9) a seguir. Notemos que os verbos indicados entre parênteses como substitutos de *ter* não são facilmente substituíveis entre si, o que mostra o caráter difuso tanto do que se tenta definir semanticamente como *posse* como do significado veiculado pelo verbo.

- (9) a. *O governo teve a maioria dos votos na Câmara.* (conseguiu/obteve)  
b. *A Ana tem asma desde pequenininha.* (sofre de)  
c. *Os terráqueos nunca terão contato com seres de outros planetas.* (estabelecerão/farão)  
d. *O voo foi cancelado porque o motor do avião teve problemas.* (apresentou)  
e. *A Ana tinha duas calças do Pedro no armário.* (guardava/mantinha/deixava)  
f. *As aulas daquele professor têm em média quatro horas.* (duram/chegam a)  
g. *O Pedro tem três carros novos.* (possui)  
h. *O Pedro terá muito incentivo dos seus pais para estudar no exterior.* (receberá)

O termo *possessivo*, portanto, é pouco elucidativo na tentativa de abarcar a totalidade das construções relevantes com *ter* e *estar com*. Os casos em (9) são suficientes para mostrar que é apenas eventualmente que uma relação inerentemente possessiva é manifestada. As expressões entre o sujeito e o complemento de *ter* não remetem apenas a uma relação possuidor-possuído (10a), mas também a marcações como todo-parte (10b), continente-conteúdo (10c), controlador-controlado (10d), experienciador-experiência (10e), e outras correlações afins.

- (10) a. *Meu amigo tem/está com um carro.*  
b. *A porta da minha casa tem/está com a maçaneta solta.*  
c. *Aquele copo tem/está com água.*  
d. *O marido tinha/estava com todo o dinheiro da esposa dentro da carteira.*  
e. *Os alunos têm/estão com medo da prova.*

As construções possessivas voltarão a ser abordadas na seção 2.1, à luz de pressupostos gerativistas.

## 1.2 Sentenças existenciais

No português brasileiro contemporâneo, as sentenças existenciais são canonicamente realizadas com *ter*, residindo aí um importante contraste com o português europeu, que tem *haver* como seu verbo existencial canônico. Os vários estudos sobre a variação entre os dois verbos são consensuais quanto à predominância de *ter* sobre *haver* no vernáculo brasileiro, em qualquer que seja a variedade diatópica analisada (Cardoso 1986; Callou e Avelar 2000; Silva 2004; Leite e Callou 2002; Gonçalves 2012, entre outros). Construções existenciais com os dois verbos são exemplificadas a seguir.

- (11) a. “**tem** uma partezinha assim pra você botar os pés” (NURC-RJ 088/70)  
b. “aquele congresso que **teve** lá no Rio Sul” (NURC-RJ 347/90)
- (12) a. “as vacas que **havia** eram quase todas subnutridas” (NURC-RJ 068/70)  
b. “a coisa bonita que eu vi é quando **havia** a enchente do Pantanal” (NURC-RJ 140/90)

Antes de apresentar um panorama qualitativo-quantitativo sobre essas construções no português brasileiro contemporâneo, é importante destacar que a imprecisão observada no emprego do termo *possessivo* para designar as estruturas abordadas na seção anterior também se aplica ao domínio das existenciais. A rigor, o conceito de *existência* por trás da caracterização das construções impessoais com *ter* e *haver* a que chamamos de existenciais não é bem delineado. Isso é facilmente percebido pelo fato de nem todos os verbos caracterizados como existenciais serem facilmente intercambiáveis na expressão de um mesmo estado de coisas. No português brasileiro, por exemplo, os verbos *haver* e *existir*, ao contrário de *ter*, não são licenciados em grande parte das sentenças com *ter* caracterizadas como existenciais, conforme destacado em Avelar (2006). As construções em (13) a seguir são exemplos de orações que, para muitos falantes, provocam estranhamento se realizadas com *haver* ou *existir*, mas não com *ter*.

- (13) a. **Teve** / # **Houve** / # **Existiu** muito docinho na festa que a Maria deu.  
b. COMPRANDO PÃO NA PADARIA:  
A (pergunta): **Tem** / # **Há** / # **Existe** pão?  
B (responde): **Tem** / # **Há** / # **Existe**.

Além disso, conforme observam Avelar e Callou (2012) e Marins (2013), não é apenas nas construções impessoais que *ter* assume um valor existencial: orações em que esse verbo traz um sujeito e que, portanto, podem ser analisadas como possessivas, também servem à expressão de existência. Sentenças impessoais como a apresentada em (14a) adiante, por exemplo, podem ser parafraseadas por construções como aquela em (14b), em que a oração apresenta um sujeito gramatical. A diferença entre os dois casos é de ordem sintática, uma vez que o sintagma locativo

preposicionado da primeira se converte no sintagma nominal sujeito da segunda. É fácil observar que tanto o sentido de (a) quanto o de (b) se estabelece sobre o pressuposto de que existem muitos peixes na lagoa, bem como o de que entre *a lagoa* e *muitos peixes* há uma relação do tipo *continente-conteúdo*, típica das estruturas possessivas.

- (14) a. **Tem / Há** muitos peixes naquela lagoa.  
b. *Aquela lagoa* **tem** muitos peixes.

Tendo em vista essa intersecção semântica entre as expressões sentenciais de posse e existência, o relevante para contrastar adequadamente as variedades brasileira e europeia não é o valor assumido por *ter*, mas a configuração sintática exibida pelas construções com esse verbo: no português brasileiro, mas não no português europeu, *ter* pode ser largamente empregado em orações impessoais, dispensando assim a presença de um argumento em posição de sujeito.

De todo modo, mesmo frente à imprecisão dos termos empregados para designar as construções abordadas neste estudo, será aqui mantida a designação de *existencial* para as orações impessoais com *ter*, e de *possessiva* para as orações em que esse verbo ocorre com dois argumentos, seguindo a literatura corrente na área.

Retornando ao tópico da variação entre *ter* e *haver* nas construções existenciais, os resultados apresentados em Avelar e Callou (2007a) e Avelar (2005) sobre a fala carioca mostram que, pelo menos nessa variedade, não há diferença significativa entre “fala culta” e “fala popular” no que tange às frequências dos dois verbos. Comparando amostras de fala de indivíduos com e sem nível superior na década de 90, Avelar (2005) mostra que a frequência de *ter* (contra a de *haver*) chega a 80% e 92%, respectivamente, o que indica não ser a variação entre as duas formas um fator relevante de polarização sociolinguística, pelo menos nas variedades analisadas.

A análise de Callou e Avelar (2000) revela, contudo, a existência de uma diferença significativa nas frequências dos dois verbos quando se comparam as décadas de 70 e 90 do século XX. Entre os chamados “falantes cultos” (com formação universitária), a frequência de *ter* nas construções existenciais é de 63% na década de 70, subindo para 80% na década de 90. Entre os indivíduos cultos mais jovens da década de 90, o uso de *ter* é praticamente categórico, chegando a 98% dos dados, o que leva à conclusão de que, pelo menos entre os cariocas dessa faixa etária com nível de educação superior, a mudança relativa à superposição de *ter* a *haver* já foi concluída.

Callou e Avelar (2000) observam ainda que há, na fala culta carioca, pelo menos dois fatores intralinguísticos relevantes para determinar a variação entre os dois verbos: o tempo verbal da oração e a especificidade semântica do argumento interno.

Sobre o tempo verbal, as construções no passado favorecem a ocorrência de *haver* nas duas décadas consideradas (70 e 90), embora a frequência de *ter* tenha se ampliado entre tais construções na passagem de uma década à outra. A figura 1 a seguir mostra que, entre as construções no

presente, *haver* chega a apenas 30% em 70, e cai para 12% em 90; entre as do perfeito, as únicas em que seu uso supera o de *ter*, o percentual atinge 90% em 70 e cai para 65% em 90; no imperfeito, o percentual não se altera, ficando em torno de 25% nas duas décadas; entre os outros tempos verbais – perfazendo apenas 6% das ocorrências – a frequência de *haver* supera a de *ter* na década de 70, mas cai para 38% em 90. Esses números podem sugerir que, na fala culta carioca, *haver* se tornou um verbo típico de narração, modalidade que privilegia o uso de formas verbais no pretérito. *Ter*, por sua vez, tem trânsito livre em qualquer contexto, narrativo ou não.

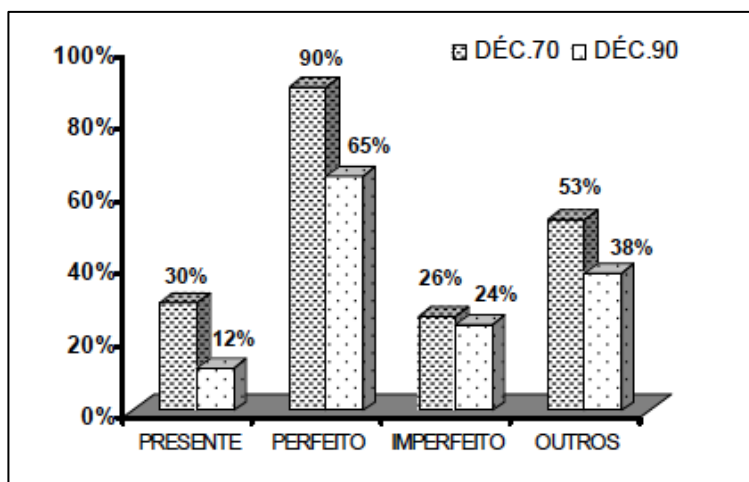


Figura 1: Frequência de *haver*, contra a de *ter*, por tempo verbal nas décadas de 70 e 90

Sobre a especificidade do argumento interno, Callou e Avelar (2000) exploram a seguinte divisão: *animado* (15), *inanimado material* (16), *espaço* (17) – designação de locais públicos, bairros, cidades, regiões, localização em geral, *abstrato* (18) e *evento* (19). Nas duas décadas, o uso de *haver* é favorecido pelos tipos *abstrato* e *evento*, embora não supere o percentual de *ter* em nenhuma das situações (ver figura 2). Cabe notar que os tipos *animado*, *inanimado material* e *espaço* apresentam em comum o traço [+MATERIAL], enquanto *abstrato* e *evento* são [-MATERIAL]. A ocorrência de *haver* na fala carioca, portanto, é favorecida por argumentos com o traço [-MATERIAL], enquanto *ter* mostra frequências significativas com qualquer tipo de argumento.

- (15) a. “**há** mulheres que se comportam da mesma maneira que homens”  
 b. “aqui no Leblon **tem** o Padre Zeca”
- (16) a. “**havia** muita banana”  
 b. “**tinha** biscoitos na Colombo”
- (17) a. “**havia** alguns cinemas na cidade”  
 b. “**tem** bairros sensacionais fora de Salvador”
- (18) a. “não **havia** uma censura tão grande”  
 b. “não **tem** mais o charme que tinha”
- (19) a. “foi uma fase que **houve** concursos públicos”  
 b. “**teve** uma festa maravilhosa”

(Apresentados em Callou e Avelar 2000)

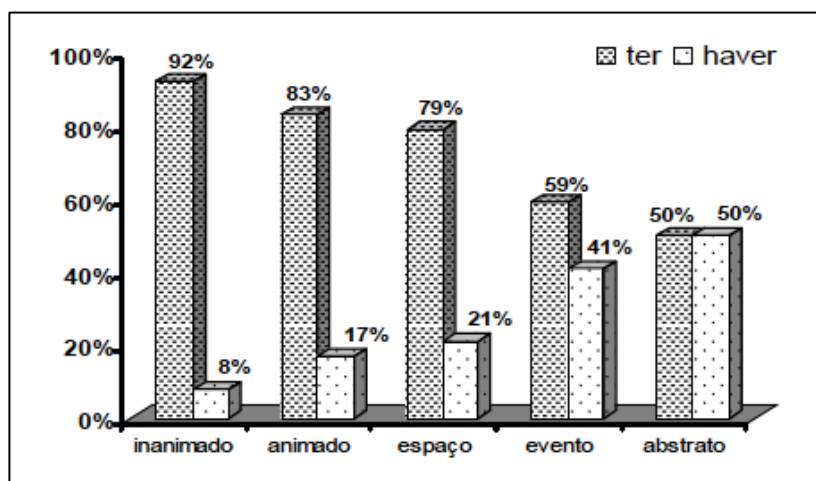


Figura 2: Frequência de *ter* e *haver* pela especificidade semântica do argumento interno em construções existenciais nas décadas de 70 e 90

Outro ponto para o qual Callou e Avelar chamam a atenção diz respeito ao licenciamento do pronome *você* sem referência definida na posição de sujeito de sentenças com *ter*, resultando em construções com interpretação claramente existencial (vejam-se, a esse respeito, os trabalhos de Duarte 2007; Avelar 2009<sup>a</sup>; Callou e Avelar 2000; Marins 2013). Essa propriedade é exemplificada nos trechos reproduzidos em (20), extraído de amostras de fala do projeto NURC-RJ. Todas as orações destacadas em itálico, que trazem o genérico *você* em posição de sujeito, podem ser analisadas como existenciais, parafraseáveis por orações impessoais com *haver* ou com o próprio verbo *ter*.

- (20) a. “não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente *cê tinha, Catumbi* e, aí *você tinha de repente uns sobrados*, umas casas mais antigas né. A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo, com exceção da Barra, né, que *você tem aqueles, em geral, prédios baixinhos*” (NURC-RJ 12/90)
- b. “em Kioto *você tem aquela confusão da rua*, trânsito carro pra caramba, mas *você tem aqueles castelos de imperadores antigos*, não sei o quê” (NURC-RJ 12/90)
- c. “tem cursos que *você tem mais professor do que aluno*. Então o curso de elétrica, por exemplo, *você tem 50 professores* e o curso todo, todos os anos somados não tem 50” (NURC-RJ 01/90)
- d. “Hoje o que acontece é que *você tem o curso de Civil com pouca procura*” (NURC-RJ 01/90)

Callou e Avelar (2000) observam que, na década de 70, o pronome *você* era inserido em cerca de 2% das construções existenciais com *ter* na fala culta carioca; na década de 90, esse número sobe para 19%, o que sugere uma mudança em progresso no sentido de preencher a posição de sujeito das construções existenciais. Essa mudança voltará a ser abordada na seção 3, quando a tendência à supressão de *haver* será relacionada a alterações na especificidade do estatuto *pro-drop* do português brasileiro.

Antes de encerrar a seção, cabe fazer menção a um ponto que tem sido negligenciado nos estudos sobre as existenciais do português brasileiro: a possibilidade de as cópulas *ser* e *estar* serem empregadas em construções que servem à construção de existência. Os casos de sentenças



existenciais com *estar*, similar ao que ocorre entre as construções possessivas quando este verbo ocorre junto da preposição *com*, serão abordados na seção 2.2. A respeito de *ser*, Gonçalves (2012) chama a atenção para o fato de as existenciais com esse verbo apresentarem, por parte do enunciador, um caráter avaliativo sobre um determinado estado de coisas. Esse caráter pode ser expresso por meio do emprego de quantificadores, advérbios, adjetivos e determinantes junto ao sintagma nominal que se segue ao verbo, ou até mesmo pelo uso de um padrão entoacional específico. As construções em (21) a seguir exemplificam orações existenciais com *ser*.

- (21) a. “*Lá no Rio de Janeiro é uma violência terrível.*”  
b. “*Então, é muita briga mesmo, tal.*”  
c. “*era uma fábrica ali*”  
d. “*São Paulo está cada dia pior [...] é TRÂNSITO... é PROBLEMA...*”  
(Apresentados em Gonçalves 2012)

Segundo Gonçalves, esses casos não parecem ter relação com as existenciais do português medieval, em que *ser* ocorria como o existencial canônico, antes de ser gradualmente substituído por *haver*. De toda forma, são necessários estudos diacrônicos mais amplos para identificar a origem dessas construções, determinando em que medida podem ou não ser tratadas como resultantes de sentenças existenciais com o verbo copular provenientes de estágios anteriores do português.

### 1.3 Expressões de tempo decorrido

As expressões de tempo decorrido (doravante, ETDs) servem para indicar o intervalo entre um estado de coisas necessariamente expresso no enunciado e um determinado ponto (nem sempre explícito no enunciado) do eixo temporal anterior a esse estado. Embora diferentes tipos de verbos possam ser empregados nessa expressão, o presente capítulo irá se concentrar nos de interpretação possessivo-existencial (*ter* e *haver*, além da locução *estar com*). Os conjuntos de sentenças a seguir exemplificam ETDs com as três formas verbais no português brasileiro contemporâneo.

- (22) a. “*há muito tempo que eu não tenho tido contato com ela*” (PEUL-CENSO 04/80)  
b. “*há doze anos que nós organizamos o natal dos velhinhos*” (PEUL-CENSO 48/80)  
c. “*já é formada há bastante tempo*” (PEUL-CENSO 14/90)  
d. “*há muitos anos que eu não participo [de festa junina]*” (NURC-RJ 52/90)
- (23) a. “*já tem mais ou menos 25 a 30 anos que eu saí da família*” (PEUL-CENSO 13/90)  
b. “*tem duas semanas que a gente nem se fala*” (NURC-RJ 03/90)  
c. “*o camarão chegou agora, tem duas hora que ele chegou aqui*” (PEUL-CENSO 03/80)  
d. “*tem mais de quinze anos que [esse pulôver] tá lá na sala*” (NURC-RJ 96/90)
- (24) a. “*tá com uns dois anos que a professora ensina aqui*” (MOQUÉM F10)  
b. “*já terminou os estudo tá com seis ano*” (MOQUÉM F13)  
c. “*já tá com uma porção de tempo que tem a escola*” (MOQUÉM F18)  
d. “*tá com trezentos e quatro ano que acabou-se os nego da Serra da Barriga*” (MOQUÉM F4)

Conforme será mostrado em 2.3, *haver* parece ter perdido o estatuto categorial de verbo nas ETDs, passando a se comportar como uma preposição. De todo modo, as ETDs com *haver* são

bastante frequentes no português brasileiro, superando em muito os percentuais de ocorrência das existenciais construídas com esse mesmo item. A esse respeito, observando amostras de fala do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Alagoas e do Ceará, os estudos de Avelar (2011, 2012) e Olivato (2012) sobre ETDs mostram que os casos com *estar com* não são usuais nos dois estados do Sudeste. Nas amostras dos dois estados do Nordeste, ao contrário, as ocorrências de ETDs com *estar com* chegam a 42% no Ceará (contra 54% de *haver* e 4% de *ter*) e a 61% em Alagoas (contra 39% de casos com *haver*).

Avelar (2012), em particular, se ocupa de ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca entre as décadas de 70 e 90 do século XX, observando as frequências de construções com um e outro verbo entre indivíduos com e sem nível superior. Das 282 ETDs levantadas, 222 (79%) são expressões com *haver* e 60 (21%), com *ter*. O estudo mostra que os resultados quantitativos sobre a distribuição de cada tipo de ETD nos dois grupos não vão numa mesma direção: entre os falantes sem curso superior, os números apontam para uma variação estável, enquanto entre os falantes com curso superior, os números sugerem, à primeira vista, um processo de mudança em progresso. Os gráficos a seguir ilustram os percentuais de ocorrência em cada grupo: entre os falantes com alto grau de instrução, conforme ilustrado na figura 3, a frequência das ETDs com *haver* cai de 100% para 77% no intervalo de tempo considerado, enquanto as ETDs com *ter*, que não ocorriam na década 70, chegam a 23% do total de ocorrências na década de 90; entre os falantes sem curso superior, conforme ilustrado na figura 4, a frequência de cada ETD praticamente não se altera entre os dois períodos.

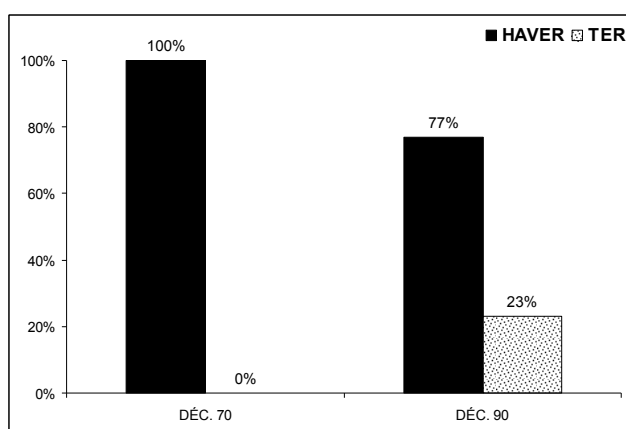


Figura 3: Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos com curso superior, nas décadas de 70 e 90

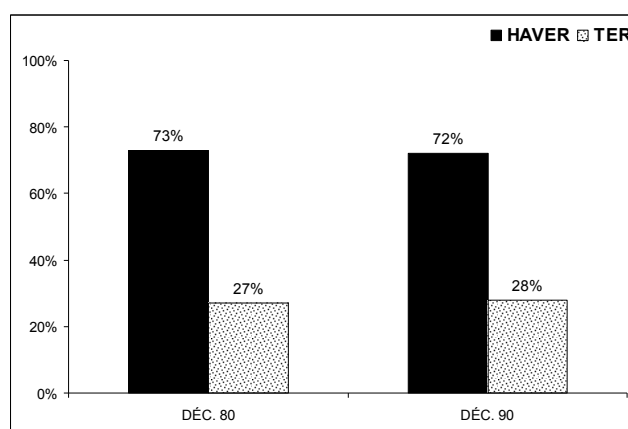


Figura 4: Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos sem curso superior, nas décadas de 80 e 90

As frequências atestadas por faixa etária para os indivíduos com nível superior, apresentadas na figura 5 adiante, corroboram a ideia de que, pelo menos entre os falantes desse grupo, a emergência das ETDs parece ser o reflexo de algum tipo de mudança em progresso: as curvas de frequência entre os três grupos etários mostram o percentual de *haver* mantendo-se em 100% para

os falantes da terceira faixa (com mais de 56 anos) de uma década para outra, mas caindo para 77% entre aqueles da primeira faixa (com menos de 35 anos), e para 86% entre os da segunda (entre 36 e 55 anos). Entre os falantes sem nível superior, a distribuição das ETDs por faixa etária não é indicativa de mudança, conforme o ilustrado pela figura 6: na primeira década, os falantes da faixa 2 apresentam um percentual (93%) de ocorrência de ETDs com *haver* bem maior que os falantes da faixa 1 (60%) e da faixa 3 (75%); na segunda década, os percentuais de frequência não mostram diferenças significativas entre as três faixas etárias, variando entre 67% na faixa 1 e 75% na faixa 3.

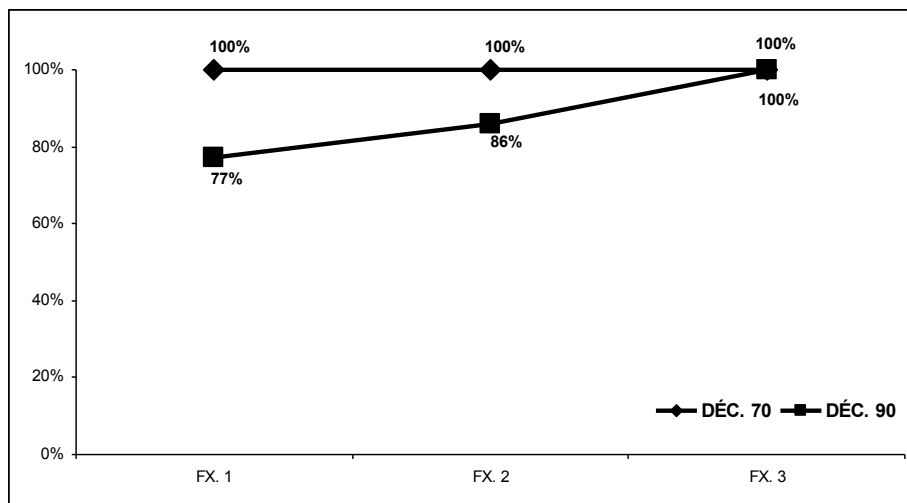


Figura 5: Frequências das ETDs com *haver* (contra as ETDs com *ter*) por faixa etária na fala carioca, entre indivíduos com curso superior, nas décadas de 70 e 90.

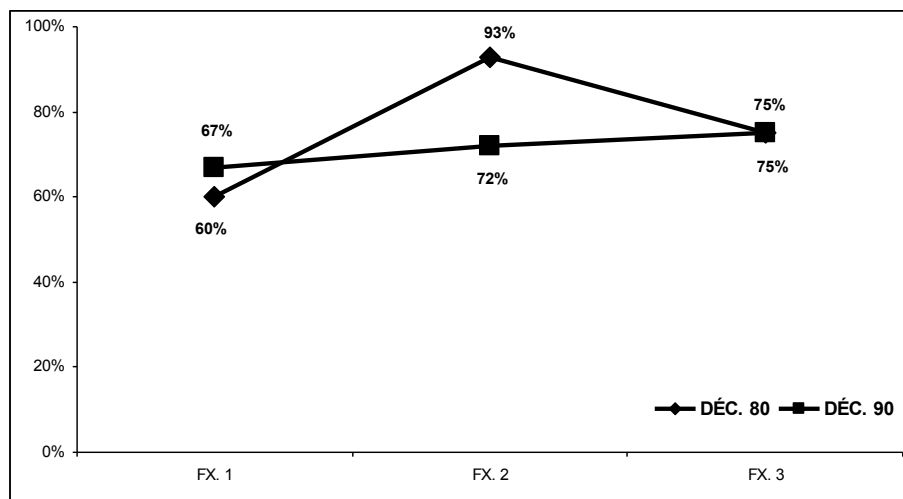


Figura 6: Frequências das ETDs com *haver* (contra as ETDs com *ter*) por faixa etária na fala carioca, entre indivíduos sem curso superior, nas décadas de 80 e 90.

Sobre os casos com *estar com* identificados por Avelar (2012) e Olivato (2012) em amostras dos Estados de Alagoas e do Ceará, respectivamente, os autores não levantaram os padrões de frequência por faixa etária, nem procederam à comparação entre recortes temporais distintos, uma vez que, para as comunidades analisadas, só há disponibilidade de um único recorte. O que chama a atenção na amostra dos dois estados é o baixo percentual das ETDs com *ter*: entre os dados

levantados em Alagoas, nenhum caso com esse verbo é detectado (embora sua ocorrência seja quase categórica entre as sentenças existenciais), ao passo que, nos dados do Ceará, o percentual de ocorrência das ETDs com *ter* chega a apenas 5%. Olivato também se ocupa de amostras do interior do estado de São Paulo, provenientes da região de São José do Rio Preto, observando que o percentual de *ter* (contra o de *haver*, sem qualquer ocorrência de *estar com*) é de apenas 2%.

A figura 7 ilustra a distribuição das três formas verbais entre as ETDs nos estados referidos, considerando-se, para o caso do Rio de Janeiro, apenas os números dos recortes temporais da última década do século XX. Em princípio, a distribuição sugere haver uma oposição entre o Sudeste e o Nordeste no que tange ao licenciamento das ETDs com *estar com* (ausentes nas amostras do primeiro), bem como um contraste entre o Rio de Janeiro e os demais estados no que diz respeito ao amplo licenciamento das ETDs com *ter*. O ponto em comum entre as amostras é a recorrência dos casos com *haver*, que exhibe alta frequência em todos os estados considerados. É necessário, contudo, incluir amostras de outras localidades do país para aferir em que medida a distribuição entre ETDs com diferentes formas verbais de natureza possessivo-existencial pode ser tratado como um traço linguístico atrelado a variações dialetais.

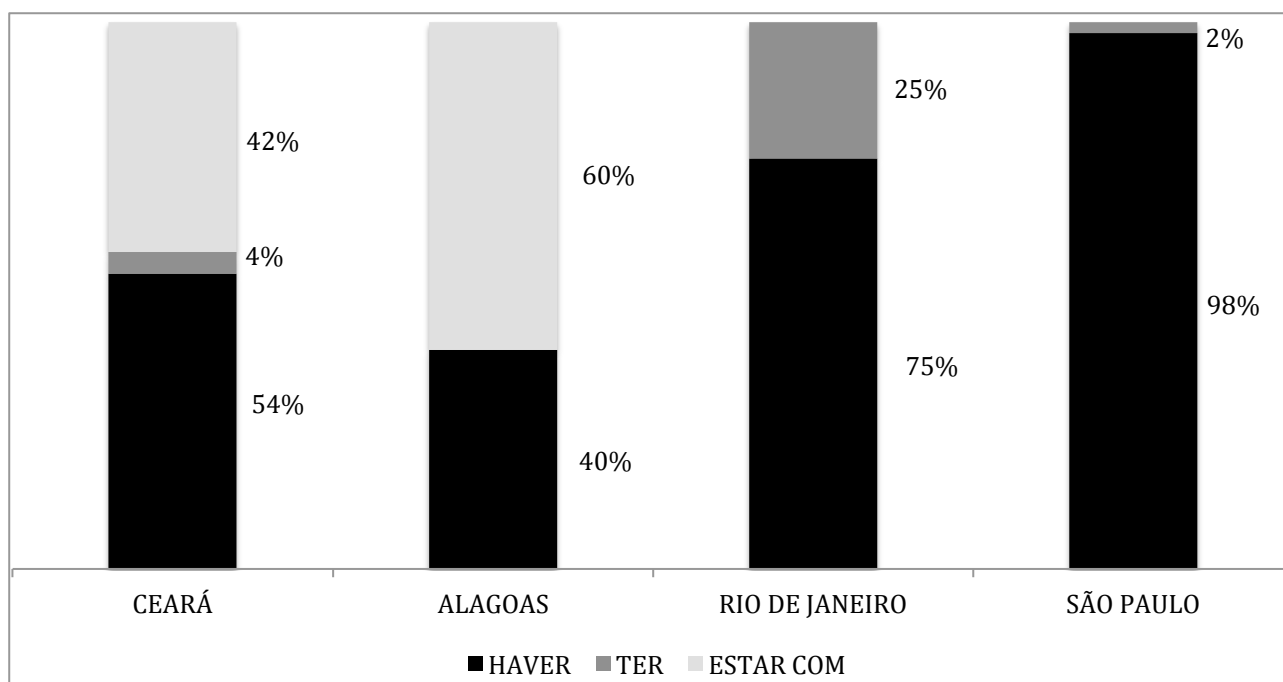


Figura 7: Frequência de ETDs com *haver*, *ter* e *estar com* em amostras de fala do português brasileiro contemporâneo nos estados do Ceará, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

As ETDs serão retomadas na seção 2.3, quando será mostrado que as expressões com *haver* apresenta um estatuto categorial diferenciado do das demais expressões.

## 2. SENTENÇAS POSSESSIVAS E EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PANORAMA FORMAL

### 2.1 Configuração sintática das orações possessivas

Grande parte dos estudos gerativistas em torno da expressão gramatical de posse explora a hipótese de que verbos possessivos derivam do amálgama de uma cópula e um item de natureza relacional. Muitas línguas evidenciam lexicalmente essa combinação, com o referido amálgama sendo morfologicamente visível. Esse é o caso, por exemplo, do kamaiurá, em que o verbo possessivo *ereko* ‘ter, estar com’ mostra a composição da cópula *ere* ‘ser, estar’ e do item relacional *-ko* ‘com’, como no exemplo em (25) a seguir. Mesmo para as línguas em que essa combinação não é morfologicamente visível (como nos casos de *ter* e *avoir* no português e no francês, respectivamente, cujas formas em nada lembram as cópulas *ser/estar* e *etre*), é largamente assumido que o verbo possessivo canônico resulta, em termos derivacionais, da união de uma cópula com um item adposicional (vejam-se, por exemplo, os estudos de Lyons 1967; Freeze 1992; Kayne 1993; Belvin e den Dikken 1997; Longa, Lorenzo e Rigau 1998; Ouhalla 2000; Torrego 2002; Reintges e Lipták 2006; Avelar 2009c, 2009d, entre vários outros).

(25) Kamaiurá (Seki 2000: 304)

*je-r -a 'yr-a w-ereko ywyrapar-a*  
*1sg filho 3-ser/estar+com arco*  
*‘Meu filho tem um arco’*

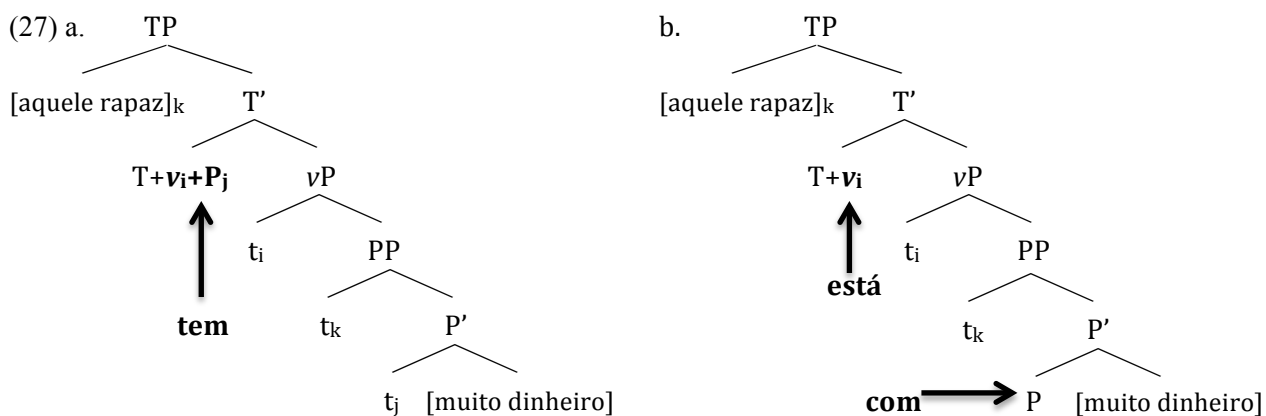
Em linhas gerais, a referida hipótese sobre a natureza do verbo possessivo implica assumir que as construções possessivas e copulativas compartilham uma mesma base derivacional, sobre a qual um conjunto de operações sintáticas se aplica e define o “caráter” possessivo ou copular da expressão. Considerando o objetivo mais imediato do presente trabalho, que é explicitar fatos históricos do português brasileiro, esta seção e a seguinte irão se deter na análise proposta em Avelar (2009b, 2009c, 2009d) para captar propriedades das construções possessivas e existenciais nessa língua, explorando a hipótese do amálgama.

Recorrendo à noção de *inserção vocabular tardia* da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993, 1994), Avelar (2009c) argumenta que *ter* deve ser obtido pelo combinação dos traços subjacentes a *estar* e os da preposição *com*<sup>5</sup>. Tendo em vista o caráter tardio da inversão vocabular, os verbos *ter* e *estar*, bem como a preposição *com*, não devem apresentar matrizes fonológicas ao longo da computação sintática, por serem itens funcionais; no decurso da computação, esses itens são núcleos abstratos, e suas matrizes fonológicas são inseridas “tardiamente” (ou seja, pós-sintaticamente), no caminho para a Forma Fonológica. Sob esta perspectiva, construções possessivas com *ter* e *estar com* como aquela em (26a) a seguir apresentam em comum a estrutura em (26b): a categoria  $v_{\text{cop}}$  (a versão copular/estativa do núcleo funcional *light verb*) toma como

complemento a projeção de P(reposição), que contem os traços abstratos da preposição *com*. Essa projeção traz o DP possuidor *aquele rapaz* na posição de especificador, e o DP possuído *muito dinheiro* na posição de complemento.

- (26) a. *Aquele rapaz tem / está com muito dinheiro.*  
 b. [<sub>VP</sub> v<sub>cop</sub> [<sub>PP</sub> [<sub>DP</sub> *aquele rapaz* ] [<sub>P'</sub> P [<sub>DP</sub> *muito dinheiro* ] ] ] ] ]

A derivação deve prosseguir como nas configurações em (27) a seguir, com o DP interpretado como possuidor sendo movido para a posição de especificador de TP e resultando na possessiva com *ter* ou *estar com*, respectivamente como em (a) e (b). A diferença entre as duas configurações está no lócus em que os traços da preposição são realizados: na primeira, os traços da preposição se adjungem a v<sub>cop</sub>, e o complexo resultante (v<sub>cop</sub>+P) recebe, na inserção vocabular, a matriz fonológica correspondente a *ter*; na segunda, os traços da preposição não são adjungidos aos de v<sub>cop</sub>, com os primeiros recebendo a matriz correspondente a *com*, e os segundos, correspondente a *estar*.



À luz dessa análise, o contraste relativo à oposição entre posse permansiva (com *ter*) e posse transitória ou recentemente adquirida (com *estar com*), que foi referido em 1.1, pode ser descrito como um efeito da possibilidade de combinação entre v<sub>cop</sub> e P: a adjunção entre as duas categorias (que resulta na inserção vocabular de *ter*) deve ser tomada, na interface semântica, como uma “instrução” para que a expressão de posse seja interpretada como duradoura ou permanente, enquanto a não adjunção (resultando na realização de *estar com*) deve corresponder à “instrução” para uma leitura de posse transitória ou recentemente adquirida.

Uma das evidências apresentadas em Avelar (2009c) em favor da existência de uma projeção nucleada por traços da preposição *com* em sentenças possessivas com *ter* diz respeito a mecanismos de correferenciação no interior de tais sentenças. Consideremos as construções em (28) adiante, com o verbo *ter*, e em (29), com outros verbos. Embora sejam formadas pelos mesmos constituintes em posição de sujeito e no interior do predicado, os dois conjuntos de sentenças exibem um contraste claro: nas possessivas em (28), é necessário pressupor que o sintagma nominal em posição de sujeito seja interpretado como tendo alguma relação com um constituinte no interior do

predicado: em (28a), por exemplo, *o Pedro* precisa ser interpretado como possuidor de carteira; em (28b), *a Ana* precisa ser a proprietária do carro ou a responsável pela oficina; em (28c), *aquele professor* precisa ter algum tipo de relação (por exemplo, ser seu orientador) com os *vários alunos estudando no exterior*. Em contraste, nenhuma dessas interpretações é necessária nas sentenças em (29): a boa formação dessas construções não requer a existência de qualquer tipo de relação prévia entre o constituinte na posição de sujeito e um termo no interior do predicado.

- (28) a. *O Pedro **tinha** vários documentos da Maria na carteira.*  
 b. *A Ana **tem** um carro na oficina.*  
 c. *Aquele professor **teve** vários alunos estudando no exterior.*  
 (29) a. *O Pedro **viu** vários documentos da Maria na carteira.*  
 b. *A Maria **deixou** um carro na oficina.*  
 c. *Aquele professor **recebeu** vários alunos estudando no exterior.*

As representações em (30) a seguir mostram que, se forem inseridas junto aos constituintes relevantes no interior do predicado com *ter*, formas pronominais como *dele(a)* precisam ser correferentes ao sujeito, em paralelo com o observado nas sentenças em (28), em que nenhum pronome está presente. Essa mesma condição não é observada em (31), em que o pronome pode ser coindexado não apenas ao sujeito, mas também a qualquer outro referente pressuposto no discurso.

- (30) a. [*o Pedro*]<sub>i</sub> **tinha** vários documentos da Maria na carteira [*dele*]<sub>i/\*j</sub>  
 b. [*a Ana*]<sub>i</sub> **tem** um carro [*dela*]<sub>i/\*j</sub> na oficina  
 c. [*aquele professor*]<sub>i</sub> **tem** vários alunos [*dele*]<sub>i/\*j</sub> estudando no exterior  
 (31) a. [*o Pedro*]<sub>i</sub> **viu** vários documentos da Maria na carteira [*dele*]<sub>ij</sub>  
 b. [*a Ana*]<sub>i</sub> **deixou** um carro [*dela*]<sub>ij</sub> no conserto  
 c. [*aquele professor*]<sub>i</sub> **atendeu** vários alunos [*dele*]<sub>ij</sub> estudando no exterior

Tendo em vista o paralelismo entre (28)-(29) e (30)-(31), o contraste no primeiro conjunto pode ser formalmente captado pela ideia de que, nas construções com *ter*, há uma categoria vazia *cv* (ou seja, fonologicamente nula) obrigatoriamente conectada a um constituinte interno ao predicado e correferente ao sujeito da oração, como nas representações esboçadas em (32) a seguir. Nas construções com os outros verbos, essa categoria nula pode ou não estar presente, sendo que sua coindexação ao sujeito da oração não é obrigatória, como representado em (33). Frente a esse contraste, a questão relevante é saber o que existe de especial nas construções possessivas que garante a correferência necessária entre o sujeito da oração e um elemento no interior do predicado.

- (32) a. [*o Pedro*]<sub>i</sub> **tinha** vários documentos da Maria n[*a carteira cv*]<sub>i/\*j</sub> ]  
 b. [*a Ana*]<sub>i</sub> **tem** um [ *carro cv*]<sub>i/\*j</sub> ] no conserto  
 c. [*aquele professor*]<sub>i</sub> **teve** [ *vários alunos cv*]<sub>i/\*j</sub> ] estudando no exterior  
 (33) a. [*o Pedro*]<sub>i</sub> **viu** vários documentos da Maria n[ *a carteira cv*]<sub>ij</sub> ]  
 b. [*a Ana*]<sub>i</sub> **deixou** um [ *carro cv*]<sub>ij</sub> ] no conserto  
 c. [*aquele professor*]<sub>i</sub> **atendeu** [ *vários alunos cv*]<sub>ij</sub> ] estudando no exterior

A esse respeito, é interessante observar que as construções com *estar com* mostram requerimentos de coindexação paralelos aos observados nas construções com *ter*, como nas

construções em (34) a seguir. Esses requerimentos parecem resultar da presença do item *com*, como podemos constatar pela observação das sentenças em (35a), construídas com diferentes verbos que coocorrem com um adjunto introduzido por essa mesma preposição, produzindo a estrutura esboçada em (35b).

- (34) a. [ *o Pedro* ]<sub>i</sub> **estava com** vários documentos da Maria na carteira [ *cv / dele* ]<sub>i/\*j</sub>  
 b. [ *a Ana* ]<sub>i</sub> **está com** um carro [ *cv / dela* ]<sub>i/\*j</sub> no conserto  
 c. [ *aquele professor* ]<sub>i</sub> **está com** vários alunos [ *cv / dele* ]<sub>i/\*j</sub> estudando no exterior
- (35) a. *O Pedro dormiu / viajou / veio / saiu com* vários documentos da Maria na carteira (*dele*).  
 b. [ *o Pedro* ]<sub>i</sub> **VERBO com** vários documentos da Maria na carteira [ *cv / dele* ]<sub>i/\*j</sub>

Os dados em (34)-(35) sugerem fortemente que a preposição *com* é o item responsável por criar as condições para garantir a correferência obrigatória nessas construções. Nos casos das sentenças possessivas com *ter*, essa propriedade pode ser facilmente explicada se assumirmos que esse verbo traz os traços da referida preposição em sua constituição, tal como proposto pela hipótese ilustrada nas representações em (27).

Para reforçar essa hipótese, vale chamar a atenção para uma propriedade observada em Avelar (2009d): em certos domínios predicativos não-verbais, em particular nos de interpretação locativa como em (36) a seguir, a preposição *com* funciona como a contraparte de um complementizador sentencial. Nesses casos, podemos explorar a ideia de que *com* tem um PP locativo como complemento, situação paralela à que C estabelece com TP. Observemos que o DP à esquerda da preposição *com* deve ser interpretado em alguma posição dentro do domínio locativo. Em (36a), por exemplo, o DP *aquele armário* deve corresponder ao elemento ao qual o sintagma com o advérbio *dentro* faz referência; em (36b), o DP *aquele rapaz*, interpretado como possuidor, corresponde ao modificador adnominal de *o carro*. Nesse sentido, podemos explorar a ideia de que a relação sintática entre o sintagma introduzido por *com* e o DP é similar à estabelecida entre o CP e o DP em Spec-C nas orações interrogativas e relativas como aquelas exemplificadas em (37), tendo em vista a necessidade de correferência entre o respectivo DP e um elemento (nulo ou fonologicamente realizado) no interior do CP.

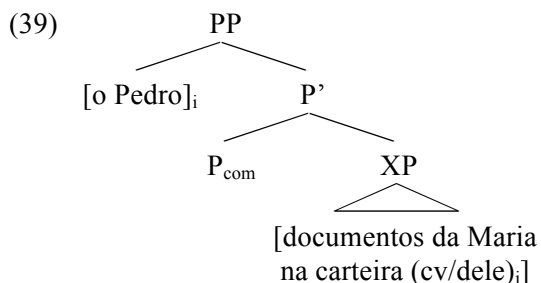
- (36) a. *aquele armário*<sub>i</sub> com várias calças dentro (*dele*<sub>i/\*j</sub>)  
 b. *o rapaz*<sub>i</sub> com o carro (*dele*<sub>i/\*j</sub>) aí em frente de casa
- (37) a. *Qual professor*<sub>i</sub> (*que*) você sempre vê (*ele*<sub>i/\*j</sub>) na praia?  
 b. *Aquele professor*<sub>i</sub> que você sempre vê (*ele*<sub>i/\*j</sub>) na praia é meu amigo.

Frente a essas propriedades, podemos considerar que, na configuração interna das construções possessivas, os traços da preposição *com* são responsáveis por uma projeção sintática dentro da qual se estabelece uma relação *operador-variável* com a mesma natureza da que se observa no âmbito do CP entre o constituinte em Spec-C e um elemento interno ao CP na posição onde tal constituinte é interpretado. Assim, sentenças como aquela em (38) a seguir dispõem de uma configuração como a



esboçada em (39): num determinado ponto da derivação, o DP *o Pedro* deve ser concatenado em Spec-P<sub>com</sub>, controlando referencialmente a categoria vazia ou um pronome pleno que funciona, nesse caso, como um modificador adnominal de *carteira*.

(38) *O Pedro tinha/estava com documentos da Maria na carteira (dele).*



Como será destacado na próxima seção, a configuração interna das possessivas com *ter* está na base das propriedades demonstradas pelas sentenças existenciais construídas com esse mesmo verbo.

## 2.2 Configuração sintática das orações existenciais

À primeira vista, a variação entre *ter* e *haver* observada entre as orações existenciais do português brasileiro contemporâneo parece consistir na simples alternância entre um e outro item dentro de uma mesma construção sintática. Em outras palavras, a configuração das existenciais com *ter* seria a mesma que a das existenciais com *haver*, com a diferença entre uma e outra sendo restrita à seleção do verbo pelo usuário da língua. Um olhar mais atento nos revela, contudo, que a variação relevante não é exatamente entre dois itens vocabulares, mas entre duas estruturas com configurações sintáticas diferentes – uma que resulta na realização de uma sentença com *ter*, e outra, numa sentença com *haver*.<sup>6</sup>

Um aspecto que evidencia estarmos lidando com duas estruturas diferentes vem das sentenças existenciais que trazem a versão genérica do pronome *você* em posição de sujeito (cf. Duarte 2007), como nas construções previamente apresentadas em (20), parte delas reproduzida a seguir.

(40) “não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente *cê tinha*, Catumbi e, aí *você tinha* de repente *uns sobrados*, umas casas mais antigas né. A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo, com exceção da Barra, né, que *você tem aqueles, em geral, prédios baixinhos*” (NURC-RJ 12/90)

Ao contrário do que se observa nas sentenças com *ter*, as existenciais com *haver* não admitem a inserção desse pronome em posição de sujeito, o que fica claro na agramaticalidade das construções apresentadas em (41). Esse contraste entre as existenciais com os dois verbos revela que, em oposição aos casos com *ter*, a estrutura das sentenças com *haver* não dispõe de uma posição para receber sujeitos fonologicamente realizados.

- (41) a. \* *Você havia uns sobrados, uma casas mais antigas.*  
 b. \* *Em Kioto, você há aquela confusão na rua.*  
 d. \* *Você há aqueles castelos de imperadores antigos.*

Esse contraste pode ser explicado, pelo menos em termos parciais, se considerarmos que, ao se tornar um verbo existencial, *ter* preservou as propriedades demonstradas em sua versão possessiva, daí a possibilidade de as construções existenciais com esse verbo admitirem elementos em posição de sujeito. À luz do que foi apresentado em 2.1 a respeito das construções possessivas, essa hipótese implica considerar que, também nas existenciais, *ter* é o resultado da combinação de traços abstratos da preposição *com* e da cópula *estar*. Nesse sentido, é interessante observar que a locução *estar com* também pode ser empregada na formação de construções existenciais, como nos dados a seguir, extraídos de blogues publicados no Brasil e/ou escritos por brasileiros, o que conta como um ponto em favor da hipótese de que a versão existencial e a versão possessiva de *ter* são, do ponto de vista composicional, o mesmo item vocabular.

- (42) a. “*aqui na cidade tá com monte de mulher de cabelo laranja. Acho que as mulheres n entendem q ruivo só fica bonito se for natural*”<sup>7</sup>  
 b. “*acho que no viveiro não posso nem sonhar em colocar [os periquitos] porque lá ta com minhas calopsitas!*”<sup>8</sup>  
 c. “*no avião tá com novas telas que tem acesso a wi-fi*”<sup>9</sup>  
 d. “*lá em casa tá com internet agora, de vez em quando de noite eu entro*”<sup>10</sup>  
 e. “*eu só vim pegar um balde emprestado, porque lá em casa tá com goteira nova*”<sup>11</sup>  
 f. “*comecei a filmar com meu cel, mas dentro do carro tava com pouca luz, o vídeo não tava mto bom, entao fomos pra fora do carro*”<sup>12</sup>  
 g. “*lá na praia tá com Net e td, vou entrar por lá, mas n com tanta frequência*”<sup>13</sup>  
 h. “*meu pai foi fritar o bife e na panela tava com açúcar e ele pensava que era gordura*”<sup>14</sup>  
 i. “*Jantei no shopping, tava com música ao vivo*”<sup>15</sup>  
 j. “*aqui no Rio tá com uma chavinha bem gostosa e o tempo tá bem fresquinho*”<sup>16</sup>  
 k. “*aqui no quintal tá com um enxame de abelhas*”<sup>17</sup>

Também nas existenciais se observa o contraste entre “estado permansivo ou duradouro” e “estado transitório ou recentemente estabelecido” atestado nas expressões de posse com *ter* e *estar com*, respectivamente. A título de exemplo, consideremos a construção em (42j) acima, reproduzida em (43a) a seguir, junto da existencial com *ter* em (43b).

- (43) a. *No Rio tá com uma chavinha bem gostosa.*  
 b. *No Rio tem uma chavinha bem gostosa.*

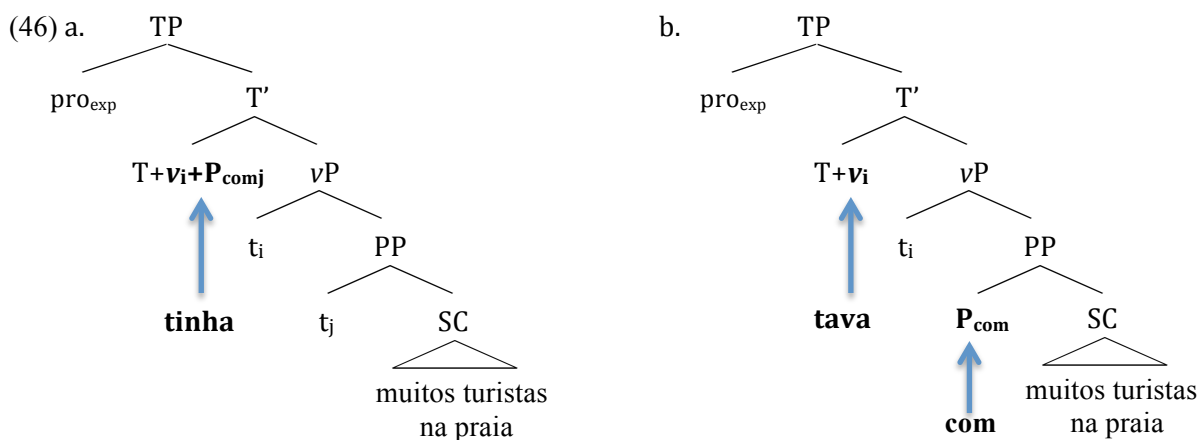
A diferença entre as existenciais com um e outro verbo é clara, no que tange ao caráter mais ou menos permansivo da situação expressa: no caso com *estar com*, a leitura preferencial é a de que a *chavinha bem gostosa* é episódica, momentânea, algo que transcorre no momento em que a construção é enunciada; no caso com *ter*, ao contrário, a interpretação é a de que a *chavinha bem gostosa* é algo recorrente no Rio, bastante comum na cidade, independentemente de estar ou não ocorrendo no momento em que a sentença é enunciada. O contraste fica ainda mais evidente quando comparamos as construções em (44): a existencial com *estar com* em (a) causa estranhamento

porque produz a interpretação de que a presença de quatro estados na região Sudeste do Brasil é algo passageiro ou uma situação recente, o que sabemos não ser o caso, daí o emprego de *ter* ser o mais apropriado para indicar esse estado de coisas.

- (44) a. # Na região sudeste do Brasil **tú com** quatro estados.  
 b. Na região sudeste do Brasil **tem** quatro estados.

Frente a esse paralelismo entre as possessivas e existenciais com *ter* e *estar com*, podemos considerar a ideia de que a configuração sintática das existenciais com esses itens apresentam a mesma arquitetura subjacente, contendo uma projeção preposicional nucleada pelos traços abstratos de *com* em ambos os casos. Nesses termos, a representação da existencial em (45) a seguir deve ser como em (46): tanto em (a) quanto em (b),  $P_{com}$  toma como complemento uma *small clause* com um predicado locativo (ver Avelar 2009d); a diferença entre as configurações reside no fato de que  $P_{com}$  se combina com  $v$  no primeiro caso, resultando na realização de *ter*, ao passo que permanece como um núcleo independente em (b), resultando na realização de *estar com*. Se essa análise estiver correta, a combinação de  $v$  e  $P_{com}$  funciona como uma instrução para atender à leitura na qual o estado de coisas expresso na construção é interpretado como *permansivo*.

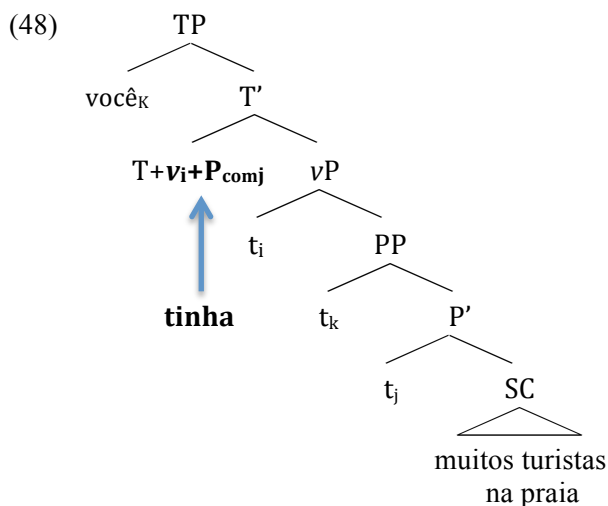
- (45) **Tinha / Tava com** muitos turistas na praia.



Retornando à questão do preenchimento da posição de sujeito das existenciais com *ter* pela versão genérica do pronome *você* (também possível nos casos com *estar com*), o lócus natural para a inserção desse item é na posição de especificador do PP nucleado pelos traços de *com* (Spec- $P_{com}$ ), como na representação em (48) adiante para a sentença em (47). Dessa posição, o pronome se move para Spec-T, onde é realizado. À luz dessa análise, a impossibilidade de esse pronome ocorrer nas existenciais com *haver*, conforme observado anteriormente em (41), deriva do fato de as construções com esse verbo não disporem de uma camada preposicional (ou de qualquer outra natureza) capaz de abrigar o pronome *você* em seu especificador: uma vez que não serve à expressão de posse no português contemporâneo, ao contrário de *ter* e *estar com*, o verbo *haver* não

pode ser concebido como resultado do amálgama de uma preposição com um item copular, o que significa que as existenciais com esse verbo não dispõem, em sua arquitetura, de uma posição (no caso, Spec-P<sub>com</sub>) para acolher o pronome.

(47) *Você tinha muitos turistas na praia na semana passada.*



Frente a esse conjunto de hipóteses, há uma questão que merece ser abordada a respeito tanto da arquitetura das existenciais com *haver*, *ter* e *estar com* quanto do estatuto do pronome *você*: por que essa forma pronominal não pode ser conectada diretamente em Spec-T (em vez de em Spec-P<sub>com</sub>), o que o licenciaria nas construções existenciais com *haver*? Uma resposta apropriada a essa questão passa por considerar os debates que têm sido feitos em torno de propriedades da forma *você*.

À primeira vista, construções como aquelas destacadas em (40) nos levariam a considerar as ocorrências de *você* na posição de sujeito das existenciais como instâncias de um pronome expletivo, da mesma forma que o *it* no inglês e o *il* no francês. Isso implicaria assumir que esse pronome apresenta, *grosso modo*, uma versão na qual é destituído de conteúdo semântico e, como tal, poderia ser inserido numa posição atemática. Essa propriedade explicaria, entre outras coisas, o fato de a sua inserção nas construções relevantes com *ter* não alterar o estatuto da oração como existencial.

Contudo, há razões para acreditar que, embora a inserção do pronome não altere o caráter existencial da construção, sua ocorrência está atrelada a pressupostos de ordem discursiva, que envolvem, em alguma medida, a relação entre o enunciador e o conteúdo da sentença. Em Avelar (2009a), são apresentados argumentos que justificam essa observação e, por isso, impediriam tratar as ocorrências de *você* nas existenciais como instâncias de um item expletivo, pelo menos no sentido que a noção de “expletividade” tem assumido no arcabouço da sintaxe gerativa. Um dos argumentos apresentados é o fato de o pronome poder ser correferente a sujeitos nulos alocados no

interior de orações coordenadas, como em (49) e (50) a seguir. Comparando os casos em (a) e (b) de cada conjunto, vemos que apenas aqueles em (a) são gramaticais, e que esse contraste de gramaticalidade está relacionado com o fato de *você* estar ou não presente na posição de sujeito da construção com *ter*, coindexado com o sujeito/argumento externo da segunda oração coordenada. Na ausência do pronome tal como em (b), é impossível estabelecer o paralelismo correferencial necessário à boa formação da estrutura coordenada, já que verbos como *conseguir* e *visitar*, em (49), e *recorrer*, em (50), requerem um argumento externo que admitam uma interpretação semântica/temática. Observemos, nesse sentido, que as construções em (b) poderiam ser “salvas” da agramaticalidade se a segunda oração da estrutura coordenada recebesse o pronome *você* em posição de sujeito, como em (c). Esses fatos revelam que, pelo menos nas existenciais com *ter*, ainda não é possível tratar o pronome *você* como um expletivo, do contrário sua ocorrência não interferiria no estatuto de agramaticalidade das referidas construções.<sup>18</sup>

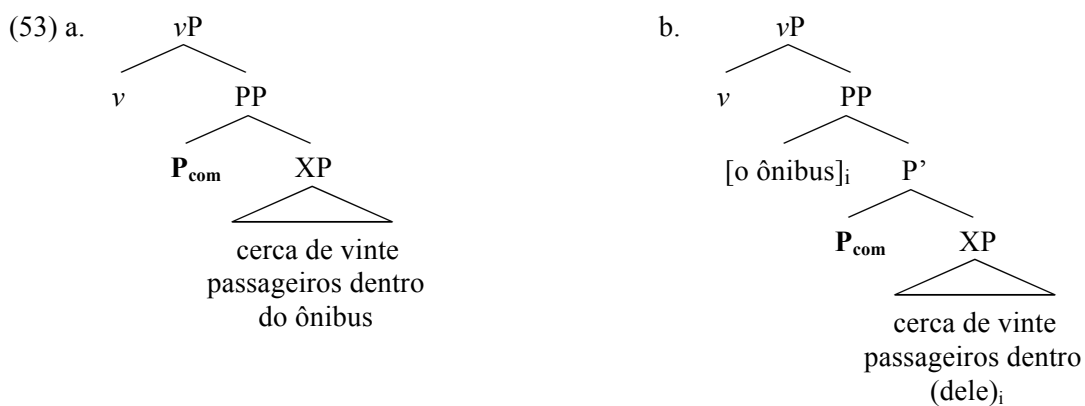
- (49) a. **Você<sub>i</sub> tem** muitas praias bonitas em Pernambuco e *cv<sub>i</sub>* consegue visitar quase todas em uma única semana.  
 b. \* **Tem** muitas praias bonitas em Pernambuco e *cv* consegue visitar quase todas em uma única semana.  
 c. **Tem** muitas praias bonitas em Pernambuco e **você** consegue visitar quase todas em uma única semana.
- (50) a. **Você<sub>i</sub> tinha** poucos computadores na década de 60 e por isso *cv<sub>i</sub>* recorria a formas mais rudimentares de armazenar dados.  
 b. \* **Tinha** poucos computadores na década de 60 e por isso *cv* recorria a formas mais rudimentares de armazenar dados.  
 c. **Tinha** poucos computadores na década de 60 e por isso **você** recorria a formas mais rudimentares de armazenar dados.

Uma última questão diz respeito à caracterização da posição de Spec-P<sub>com</sub> quanto às suas propriedades temáticas, o que vale tanto para as construções possessivas quanto para as existenciais com *ter* e *estar com*. Recorrendo a um dispositivo de análise amplamente explorado no arcabouço gerativista sobre o licenciamento temático de sintagmas nominais, devemos indagar se P<sub>com</sub> é dotada de uma grade argumental que prevê a ocorrência de um argumento externo. A rigor, devemos considerar que, para produzir uma construção possessiva, a projeção de P<sub>com</sub> precisa ter um elemento concatenado como seu especificador (o argumento externo, que chamamos de “possuidor”). Esse mesmo elemento, contudo, é dispensado na geração de construções existenciais. Isso nos leva a considerar que P<sub>com</sub> não é propriamente um atribuidor de papel temático. Para tentarmos delinear um pouco melhor o papel desse item em termos sintático-semânticos, retornemos ao que foi apresentado na seção anterior, com a ideia de que os traços da preposição *com* são responsáveis por uma projeção sintática dentro da qual se estabelece uma relação *operador-variável* similar à que se observa no âmbito do CP entre um constituinte em Spec-C e o elemento interno ao CP na posição onde aquele constituinte é interpretado. Esse paralelismo entre C

e  $P_{com}$  é facilmente observado nas construções previamente apresentadas em (36)-(37), reproduzidas em (51) e (52) a seguir.

- (51) a. [ *Aquele armário<sub>i</sub> com várias calças dentro (dele<sub>i/\*j</sub>)* ] está com cupim.  
 b. [ *O rapaz<sub>i</sub> com o carro (dele<sub>i/\*j</sub>) aí em frente de casa* ] é um velho conhecido meu.
- (52) a. *Qual professor<sub>i</sub> (que) você sempre vê (ele<sub>i/\*j</sub>) na praia?*  
 b. *Aquele professor<sub>i</sub> que você sempre vê (ele<sub>i/\*j</sub>) na praia é meu amigo.*

Isso nos leva a considerar que o papel de Spec- $P_{com}$  na constituição das sentenças possessivas e existenciais é o mesmo que o de Spec-C (ou da posição de especificador de outras projeções A-barra na periferia esquerda da oração, como Spec-Top, Spec-Foc e afins): não se trata de uma posição temática onde um papel semântico é atribuído, mas de um lócus especializado em receber elementos com proeminência informacional pertencentes à estrutura predicativa do constituinte que é tomado como complemento de  $P_{com}$ . Essa condição é ilustrada na representação esboçada em (53) a seguir: o elemento em Spec- $P_{com}$  deve estar ligado (coindexado) a uma categoria nula ou fonologicamente realizada no interior da projeção indicada como XP, que é tomada como complemento de  $P_{com}$ . Se Spec- $P_{com}$  não for projetado (ou se for projetado para receber categorias de referência genérica como o pronome *você*) o resultado é a realização das orações que chamamos de *existenciais*. Se Spec- $P_{com}$  for projetado para receber um elemento coindexado com algum constituinte interno a XP, temos uma oração dita *possessiva*. Dentro dessa análise, a representação para a existencial em (54a) e a possessiva em (54b) deve partir das estruturas em (53): a diferença entre uma e outra está na projeção de Spec- $P_{com}$  na configuração em (b), ocupada por um elemento (*o ônibus*) que têm uma clara interpretação no interior de predicado locativo interno ao XP.



- (54) a. *Tinha/Tava com cerca de vinte passageiros dentro do ônibus quando eu entrei.*  
 b. *O ônibus<sub>i</sub> tinha/tava com cerca de vinte passageiros dentro (dele<sub>i</sub>) quando eu entrei.*

Toda esta análise suscita uma questão de ordem formal-diacrônica, relativa aos contrastes entre o português brasileiro e o português europeu no que tange ao licenciamento das construções existenciais com *ter*. Dessa perspectiva, a pergunta relevante que irá nortear a seção 3 é a seguinte:

o que levou as construções impessoais com *ter* a serem usuais no português brasileiro, mas não no português europeu?

### 2.3 O estatuto categorial das expressões de tempo decorrido

Assim como no âmbito das construções existenciais, a variação entre *haver*, por um lado, e *ter* e *estar com*, por outro, nas expressões de tempo decorrido (ETDs) de base possessivo-existencial não se reduzem à alternância entre itens lexicais no interior de uma mesma estrutura. Antes, como mostrado em Avelar (2011), estamos diante da variação entre estruturas com configurações sintáticas distintas. A rigor, as propriedades que serão listadas adiante sugerem que as ETDs com *haver* não são oracionais, com o verbo tendo sido reanalisado como um item preposicional, especializado na expressão de tempo decorrido.

Antes de proceder à apresentação dessas propriedades, cabe chamar a atenção para dois fatos relevantes no tocante às ETDs com *estar com*. Um deles é que, por não serem usuais na variedade do autor deste capítulo (o português falado em parte da região metropolitana do Rio de Janeiro), não será possível apresentar conclusões baseadas em qualquer tipo de avaliação introspectiva sobre propriedades das ETDs com essa locução. Por essa razão, a análise ficará aqui circunscrita às ETDs com *haver* e *ter*, fazendo-se referências às expressões com *estar com* somente quando for possível destacar propriedades cuja instanciação possa ser confirmada.

O outro fato relevante é que, ao contrário do que observamos entre as possessivas e existenciais, o contraste *permansivo vs. transitório* não parece valer para a alternância entre *ter* e *estar com* nas ETDs. Até aqui, não foi possível detectar qualquer diferença dessa ordem entre construções do tipo ***Tem*** *uns dois anos que eu não viajo* e ***Tá com*** *uns dois anos que eu não viajo*.

Retornando ao que foi apresentado na seção 2.3, com base nas frequências de uso de *ter*, *haver* e *estar com* atestadas por Avelar (2011, 2012) e Olivato (2012), vimos que os dois estados (Alagoas e Ceará) nos quais foram detectadas ETDs com *estar com* mostram um percentual ínfimo (4% no Ceará) ou nulo (0% em Alagoas) para a frequência das ETDs com *ter*; no Rio de Janeiro, ao contrário, nenhum caso com *estar com* foi detectado, mas o percentual de *ter* entre as ETDs chega a 25%. É necessário, em estudos futuros, incluir nessa análise amostras de fala representativas de outras localidades, no intuito de estabelecer um panorama que seja mais elucidativo tanto no que diz respeito à sobreposição dos três tipos de ETDs quanto às propriedades sintático-semânticas demonstradas por cada um deles.

Dado o caráter ainda incipiente dos estudos formais sobre ETDs no português brasileiro, o presente capítulo irá se abster de propor qualquer estrutura relativa à configuração interna dessas expressões para captar contrastes entre os casos com cada tipo de verbo. Especificamente no que diz respeito aos casos com *ter* e *haver*, a análise se restringirá a algumas propriedades que permitem

distinguir, no plano sintático, as ETDs com cada item. Será mostrado que as propriedades em questão são indicativas de que não estamos diante de uma simples alternância entre *ter* e *haver*, mas da superposição de dois padrões estruturais distintos. Uma vez que os dados levantados nos corpora que serviram de base para os resultados apresentados em 1.3 mostraram categoricamente os verbos na forma do presente do indicativo, a abordagem ficará circunscrita a ETDs nesse tempo-modo verbal.

### 2.3.1 Clivagem

Um dos contrastes de (a)gramaticalidade que mais chamam a atenção entre os casos com *ter* e *haver* diz respeito ao fato de que, quando a forma verbal da expressão se encontra flexionada no presente do indicativo, a ETD-*haver* pode ser clivada, mas não a ETD-*ter*. As construções a seguir ilustram esse contraste<sup>19</sup>.

- (55) a. *Foi há mais de duas horas que eu vi a Maria no banco.*  
b. \* *Foi tem mais de duas horas que eu vi a Maria na banco.*

Quando a ETD ocorre no final da sentença, os casos com *haver* no presente do indicativo, ao contrário dos casos com *ter*, admitem um padrão de (pseudo)clivagem sem o conectivo *que*, como nos exemplos a seguir.

- (56) a. *Eu vi a Maria no banco foi há mais de duas horas.*  
b. \* *Eu vi a Maria no banco foi tem mais de duas horas.*

### 2.3.2 O complementizador “que”

Nas construções em que a ETD aparece no início da sentença, a ausência do complementizador *que* imediatamente após a expressão causa estranhamento nos casos com *ter*, mas não nos casos com *haver*, como exemplificado em (57)-(58) a seguir.

- (57) a. *Há duas horas (que) eu vi a Maria no banco.*  
b. *Tem duas horas \*(que) eu vi a Maria no banco.*
- (58) a. *Há mais de um mês (que) eu não vejo novela.*  
b. *Tem mais de um mês \*(que) eu não vejo novela.*

Esse contraste de agramaticalidade se reflete entre as ETDs analisadas por Avelar (2011) em amostras da fala carioca. Entre as ETDs-*haver* realizadas em posição inicial, exemplificadas em (59), o complementizador não aparece em todos os casos. Já entre as ETDs-*ter*, exemplificadas em (60), a ocorrência do complementizador é categórica quando a expressão aparece em posição inicial.

- (59) a. *“há muitos anos que eu não participo”* (NURC-RJ 52/90)  
b. *“há dez anos que nós vamos pra Iriri”* (PEUL-CENSO 27/90)  
c. *“há muito tempo [o vulcão] tava extinto”* (PEUL-CENSO 29/90)  
d. *“há uns três anos atrás nosso barraco ia caindo”* (PEUL-CENSO 10/80)



- (60) a. “***já tem quarenta e sete anos** que eu moro aqui*” (PEUL-CENSO 15/90)  
 b. “***tem muito tempo** que eu não passo lá*” (PEUL-CENSO 27/90)  
 c. “***tem uns dois anos** que a minha mãe não trabalha*” (NURC-RJ 03/90)  
 d. “***tem dois anos seguidos** que eu prefiro ir pra Petrópolis*” (PEUL-CENSO 22/90)

### 2.3.3 O advérbio “atrás”

O advérbio *atrás*, que causa estranhamento quando em sequência às ETDs-*ter*, são bastante frequentes em posição imediata às ETDs-*haver*, como nos casos em (61)-(63) abaixo. Nas amostras da fala carioca analisada em Avelar (2011), foi encontrada uma única ocorrência de *atrás* junto à ETD-*ter*, apresentada em (64).

- (61) a. “...eu não tinha dinheiro, isso **há cinco anos** atrás...” (PEUL-CENSO 26/80)  
 b. ?? *isso **tem cinco anos** atrás*
- (62) a. “**há uns três anos** atrás nosso barraco ia caindo” (PEUL-CENSO 10/80)  
 b. ?? ***tem uns três anos** atrás nosso barraco ia caindo*
- (63) a. “quando o movimento começou, **há doze anos** atrás...” (PEUL-CENSO 48/80)  
 b. ?? *quando o movimento começou, **tem doze anos** atrás*
- (64) “Ele não foi nem eleito não. Isso já **tem tempo** atrás” (PEUL-CENSO 26/80)

### 2.3.4 Adjunção adnominal

Outra propriedade relevante envolve a possibilidade de as ETDs-*haver* ocorrerem no interior de sintagmas nominais, funcionando como um termo que, da perspectiva tradicional, pode ser analisado como adjunto adnominal. As construções em (65) a seguir exemplificam essa propriedade. Que se trata de um termo alocado no interior do sintagma nominal é confirmado pelas construções em (66), com o nome sendo clivado juntamente com a ETD, o que permite caracterizar a expressão como um constituinte do sintagma.

- (65) a. *Aquela prova **há duas semanas atrás** desagradou os alunos.*  
 b. *A conclusão da reunião **há pouco mais de duas horas** no auditório da empresa mostrou a divergência entre chefes e funcionários.*  
 c. *A realização desse simpósio **há apenas um ano** nos impede de solicitar recursos para outro evento.*
- (66) a. *Foi aquela prova **há duas semanas atrás** que desagradou os alunos.*  
 b. *Foi a conclusão da reunião **há pouco mais de duas horas** no auditório da empresa que mostrou a divergência entre chefes e funcionários.*  
 c. *É a realização desse simpósio **há apenas um ano** que nos impede de solicitar recursos para outro evento.*

Em contraste, as ETDs-*ter* não podem funcionar como adjuntos adnominais, o que se confirma pela agramaticalidade das construções a seguir.

- (67) a. \* *Aquela prova **tem duas semanas atrás** desagradou os alunos.*  
 b. \* *A conclusão da reunião **tem pouco mais de duas horas** no auditório da empresa mostrou a divergência entre chefes e funcionários.*  
 c. \* *A realização desse simpósio **tem apenas um ano** nos impede de solicitar recursos para outro evento.*

### 2.3.5 ETDs interrogativas

Os dois tipos de ETDs também contrastam quanto ao comportamento de expressões interrogativas, como nos exemplos em (68)-(69) a seguir: tanto as ETDs-*ter* quanto as ETDs-*haver* admitem um termo interrogativo, como nas sentenças em (a), mas apenas os casos com *ter* licenciam o deslocamento desse termo para a posição pré-verbal, como em (b).

- (68) a. *Tem/Há quantos anos que você não viaja?*  
b. *Quantos anos tem/\*há que você não viaja?*
- (69) a. *Tem/Há quanto tempo que aquela criança não toma banho?*  
b. *Quanto tempo tem/\*há que aquela criança não toma banho?*

### 2.3.6 ETDs com preenchimento da posição de sujeito

Entre as ETDs da fala carioca analisadas em Avelar (2011), foram identificadas algumas expressões com *ter* em que um elemento pronominal (explícito ou fonologicamente nulo) é licenciado em posição de sujeito e desencadeia concordância com a flexão verbal, como nos exemplos em (a) de (70)-(72) a seguir. Não há, pelo menos aparentemente, qualquer alteração de sentido em comparação com os casos em que a ETD não apresenta elementos em posição de sujeito, como podemos observar pelas paráfrases em (b).

- (70) a. *“nós temos praticamente seis anos que nós temos isso aqui”* (PEUL-CENSO 10/80)  
b. *Tem praticamente seis anos que nós temos isso aqui.*
- (71) a. *“eu tenho uns três anos... dois anos que eu viajo para o Espírito Santo”* (PEUL-CENSO 23/90)  
b. *Tem uns três anos, dois anos que eu viajo para o Espírito Santo.*
- (72) a. *“tenho vinte e dois anos que eu frequento [a religião]”* (PEUL-CENSO 35/90)  
b. *Tem vinte e dois anos que eu frequento a religião.*

A possibilidade de preencher a posição de sujeito é também observada entre as ETDs construídas com *estar com* (ver Avelar 2012), conforme os dados a seguir.

- (73) a. *“...tô com oito dia que tô estudano...”* (MOQUÉM F12)  
b. *“eu tô com sete ano que aleijei”* (MOQUÉM F4)  
c. *“tô com sessenta pa setenta ano que eu tô aqui”* (MOQUÉM F4)

Casos desse tipo, que são abordados em Duarte (2007), contrastam radicalmente com o comportamento das ETDs-*haver*, que não admitem constituintes em posição de sujeito. Esse contraste reproduz a distinção observada em 2.2 entre as sentenças existenciais com *ter* e *haver*, a respeito da possibilidade licenciar uma forma pronominal com referência genérica em posição de sujeito.

### 2.3.7 Panorama contrastativo entre EDTs-*ter* e ETDs-*haver*

O conjunto dos contrastes entre a ETD-*ter* e a ETD-*haver*, reunidos em (74) a seguir, indica que a expressão licenciadora de *ter* não é, em termos estruturais, idêntica à licenciadora de *haver*, pelo menos no que tange aos casos em que esses dois itens ocorrem na forma do presente indicativo.

(74)		<b>ETD-ter</b>	<b>ETD-haver</b>
	a. Posposição do advérbio <i>atrás</i>	?	ok
	b. Modificação adnominal	*	ok
	c. Preenchimento de sujeito	ok	*
	d. Deslocamento de termos interrogativos	ok	*
	e. Clivagem	*	ok
	f. Dispensa de <i>que</i> quando em posição inicial	*	ok

Esse conjunto de contrastes sugere que, ao contrário do caráter oracional das ETDs-*ter*, as ETDs-*haver* apresentam um caráter nominal, pelo menos aquelas em que *haver* ocorre na forma do presente do indicativo. Em outras palavras, a forma *há* nas ETDs não deve ser tratada como um verbo, mas como um item que compõe um sintagma nominal, equivalendo a uma categoria prepositiva especializada na expressão de tempo decorrido. Conforme destacado por Paiva (2010), essa ideia já aparece delineada em gramáticas tradicionais, que chegam a classificar explicitamente a forma *há* nas expressões relevantes como uma preposição. As ETDs-*haver* podem, dessa perspectiva, ser equiparadas a sintagmas nominais preposicionados, com *há* tendo sofrido um processo de gramaticalização por meio do qual perde o estatuto verbal e passa a ser um constituinte do sintagma nominal. Essa ideia converge para a proposta funcional de Paiva, para quem “a expressão composta por *haver* não se caracterizaria como uma oração” (p. 147).

Quanto ao contraste em (74a), vale observar que o advérbio *atrás* é largamente empregado em sintagmas nominais não-preposicionados que servem à expressão de tempo decorrente, como nos exemplos a seguir.

- (75) a. **Semanas atrás**, ficamos sabendo que a Maria viajou.  
 b. **Dois horas atrás**, os meninos chegaram da viagem.  
 c. **Dez anos atrás**, eu ainda morava no Rio de Janeiro.

Similarmente, itens adverbiais como *atrás*, *antes*, *adentro*, *acima*, *abaixo* etc, são largamente empregados no interior de sintagmas nominais com interpretação locativa temporal ou espacial, como nos constituintes em negrito dos exemplos seguintes.

- (76) a. **Dias antes** o suspeito tinha sido visto nas proximidades do bairro.  
 b. Os policiais entraram **casa adentro** para tentar prender os bandidos.  
 c. Os meninos correram **morro acima** sem mostrar qualquer sinal de cansaço.  
 d. Desci **rua abaixo** procurando pelas crianças.

Esses fatos sugerem que a inserção de *haver* nas ETDs com *atrás*, como se pode observar em (77) a seguir, não altera o estatuto nominal das expressões. A inserção de *ter* nessas mesmas ETDs, ao contrário, resulta em agramaticalidade (ou, pelo menos, causa estranhamento) porque a ETD-*ter* apresenta um estatuto oracional, que não é compatível com o emprego do advérbio nas mesmas condições.

- (77) a. (**Há** / \***Tem**) **semanas atrás**, ficamos sabendo que a Maria viajou.  
 b. (**Há** / \***Tem**) **duas horas atrás**, os meninos chegaram da viagem.  
 c. (**Há** / \***Tem**) **dez anos atrás**, eu ainda morava no Rio.

Quanto ao contraste referido em (74b), a possibilidade de a ETD-*haver* funcionar como um modificador adnominal, em oposição à ETD-*ter*, também é um ponto em favor da ideia de que a primeira apresenta um caráter nominal: em português, não há qualquer restrição para que sintagmas nominais funcionem como adjuntos adnominais, desde que introduzidos por um item conectivo. Se a forma de *haver* no presente indicativo em ETDs é preposicional (ou seja, de natureza conectiva), enquanto a de *ter* é verbal, o contraste pode ser facilmente explicado, uma vez que, ao contrário dos sintagmas nominais preposicionados, orações finitas não podem funcionar como modificadores adnominais, a não ser na situação em que são introduzidas, quando possível, por um pronome relativo.

Sobre a possibilidade de preenchimento da posição de sujeito, referida em (74c), o contraste entre a ETD-*ter* e a ETD-*haver* não é nenhuma surpresa frente à oposição entre o caráter oracional da primeira e o caráter nominal da segunda: as orações, mas não os sintagmas nominais, dispõem de uma posição para o licenciamento de sujeitos, o que explica a possibilidade de as ETDs-*ter* trazerem um elemento que desencadeia concordância com o verbo, mas não as ETDs-*haver*.

A possibilidade de anteposição de termos interrogativos no interior da ETD, referida em (74d), também pode ser explicada frente à mesma distinção: orações dispõem de um lócus natural para receber elementos interrogativos (em termos gerativistas, a posição de Spec-C ou o seu entorno na periferia esquerda da oração), mas não os constituintes nominais. Daí a boa formação das ETDs-*ter* que apresentam um termo interrogativo anteposto (*quanto tempo tem*), em contraste com o estranhamento provocado pelas ETDs-*haver* (*\*quanto tempo há*) no que diz respeito a esse aspecto.

Quanto às propriedades listadas em (74e) e (74f), não é claro como os contrastes envolvendo as possibilidades de clivagem e de dispensa do complementizador *que* em sequência às ETDs que ocorrem em posição inicial se relacionam com a oposição entre o caráter oracional e o caráter nominal dos casos com *ter* e *haver*, respectivamente. Tanto orações quanto sintagmas nominais são passíveis de clivagem, o que nos levaria a esperar que, no tocante a essa propriedade, houvesse uma convergência entre os comportamentos demonstrados por cada tipo de ETD, o que não acontece. Ao mesmo tempo, não foi possível determinar até agora qual é a relação entre o caráter oracional da ETD-*ter* e a obrigatoriedade do *que* nos casos em que essa ETD ocorre no início da sentença. De qualquer forma, o contraste entre os dois tipos de ETD no que diz respeito a essas duas propriedades reforça a hipótese de estarmos diante de padrões sintáticos diferenciados, e não de uma simples alternância entre dois itens no interior de um mesmo padrão estrutural.

### 3. PANORAMA DIACRÔNICO-FORMAL SOBRE AS ORAÇÕES POSSESSIVAS E EXISTENCIAIS

Para o estudo diacrônico das orações possessivas e existenciais nos séculos XIX e XX, foram levantadas 1.150 construções – 754 possessivas, 320 existenciais e 81 ETDs – em anúncios e cartas de leitor publicados em periódicos incluídos no *corpus* mínimo do PHPB, provenientes de cinco estados: Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo<sup>20</sup>. Apesar de materiais provenientes de outros estados também compor o *corpus* mínimo, o recorte ficou circunscrito às amostras referidas pelo fato de serem as únicas a apresentar os dados relevantes em quantidade significativa nas duas metades do século XIX. Esse será o período sobre o qual a análise irá se concentrar, por razões de ordem empírico-metodológica que ficarão claras nas próximas seções.

Embora a existência de uma quantidade significativa de dados tenha sido relevante para definir a escolha dos estados, a análise aqui apresentada não é de cunho quantitativo, mas sim qualitativo. A necessidade de ter dados em quantidade significativa foi utilizada como critério apenas para garantir, por um lado, que as generalizações em torno das construções investigadas pudessem ser minimamente confiáveis para os períodos considerados e, por outro, que possíveis contrastes regionais pudessem ser claramente identificados.

A apresentação de padrões de frequência ficará, nesse sentido, restrita ao panorama das orações existenciais, para o qual se faz necessário abordar a variação entre *ter* e *haver* nos documentos analisados. Esses padrões terão, ainda assim, um caráter mais ilustrativo, no intuito de auxiliar o estabelecimento de hipóteses sobre como se deu o avanço de um verbo sobre o outro no domínio das orações existenciais.

#### 3.1 Sentenças possessivas no português brasileiro oitocentista

Especificamente no que concerne às orações possessivas, o panorama observado entre os dados do século XIX não mostra diferenças substanciais em relação ao atestado no português brasileiro contemporâneo: o verbo canônico dessas orações é *ter*, situação que segue consolidada na língua portuguesa desde o século XV (ver Mattos e Silva 1989, 1995, 1996, 2002) e vem sendo preservada, até onde se saiba, em todas as variedades do português brasileiro. Os dados a seguir exemplificam a construção possessiva com *ter* nas amostras analisadas.

- (78) a. [19,2 CL SP]  
*não **tenho** aquelas expressões agradáveis para exprimir os meus sentimentos*
- b. [19,1 A PE]  
*Preciza-se para arrendar hum Sítio ... que **tenha** rio; e que **tenha** arvoredos: quem o **tiver** anuncie por esta folha para ser procurado*
- c. [19,2 CL BA]  
*as capatazias dessa repartição **tem** grande deficiência de braços ... a causa dessa falta de braços **tem** origem no pequeno salario que ali ganham*

d. [19,2 A CE]  
*estes cobertores **teem** a propriedade de preservar do cholera*

e. [19,2 A RJ]  
*A irmã de Madame Valle **tem** sempre chapéus modernos e elegantes*

Quanto à ocorrência de *estar com*, foram identificados na amostra apenas dois casos de uso possessivo dessa locução, reproduzidos em (79)-(80) a seguir, ambos no século XIX. O caso em (80) foi encontrado, vale ressaltar, em uma carta de leitor escrita por um português naturalizado brasileiro, segundo informação fornecida pelo próprio em seu texto.

(79) [19,2 CL SP]  
*Outro membro da comissão ... talvez **estivesse com** a idéa preocupada em estudar algum sermão*

(80) [19,2 CL SP]  
*...rogando ao mesmo tempo a Sua Senhoria, q' quando **estiver com** a vara de juiz municipal, não sedeixe insuflar por algum bajulador*

À primeira vista, a baixíssima frequência de sentenças possessivas com *estar com* no material analisado poderia ser tomada como um indício de que se trata de uma inovação bastante recente na evolução da língua portuguesa, de modo que a escrita do século XIX ainda não teria tido tempo de ser significativamente afetada pela sua emergência. O emprego possessivo dessa locução é, contudo, registrado em estágios bem anteriores ao século XIX, como nos exemplos em (81), o que invalida a ideia de se tratar de uma inovação ao período novecentista.<sup>21</sup>

(81) a. “...Antonio de Faria **estava com** os olhos longos esperando por nós...” (Corpus Tycho Brahe: *Perigrinação*, Fernão Mendes Pinto, séc. XVI)

b. “...não tenho mais que dizer senão que **estamos com** saúde...” (Corpus Tycho Brahe: *A vida de Frei Bertolameu dos Mártires*, Luis de Sousa, séc. XVI)

c. “...que se faz **estando com** os joelhos em terra...” (Corpus Tycho Brahe: *Regras da Língua Portuguesa*, Jerónimo Contador de Argote, séc. XVII)

d. “**Estamos com** grande expectação das cousas de Espanha” (Corpus Tycho Brahe: *Cartas*, José da Cunha Brochado, séc. XVII)

A seguir, serão listados alguns aspectos identificados entre as orações possessivas no material analisado, no intuito de pontuar algumas propriedades que, em estudos futuros, poderão ser retomadas para estabelecer um quadro formal mais preciso em torno dessas construções na diacronia do português brasileiro. As observações serão concentradas sobre dados do século XIX, tendo em vista que, na maior parte do XX (pelo menos, no material que serviu de base para o levantamento), os aspectos a serem abordados não mostram diferenças significativas em comparação com o que temos nos dias atuais.

### 3.1.1 Nomes sem determinante em posição de complemento

Na amostra do século XIX, são bastante recorrentes os casos em que *ter* toma como complemento um nome sem determinante (*bare noun*), sobre o qual parece recair a força predicativa da oração,

como nos exemplos a seguir. Expressões como *ter falta* (82a), *ter ordem* (82b), *ter vício* (82c), *ter honra* (82d), *ter negócio* (82e) e *ter tempo* (82f) evidenciam o caráter semanticamente leve desse verbo, propriedade que tem merecido a atenção em estudos sobre *ter* no português brasileiro contemporâneo e justificado, sob diferentes perspectivas teóricas, a inclusão desse item na lista dos chamados *verbos-suporte* da língua (Viotti 1999; Callou e Avelar 2000).

- (82) a. [19,1 A BA]  
*[o escravo José] tem falta de dous dentes na frente do queixo superior*
- b. [19,1 A BA]  
*Rodrigues e Freitas ... tem ordem para o venderem por 54 e 64 mil reis*
- c. [19,1 A BA]  
*hum escravo pardo, de nome Antonio ... tem vicio de jogar cartas*
- d. [19,1 CL PE]  
*o Sr. Gustavo teria ... distribuído o processo a outro que tivesse honra*
- e. [19,2 A CE]  
*As pessoas que tiveram negocio sobre dizimo de gados do Aracaty-assú devem se dirigir a este novo estabelecimento*
- f. [19,1 CL SP]  
*...importava ao público o saber se Sua Excelência tinha ou não tido tempo para se despedir dos seus amigos*
- g. [19,2 CL BA]  
*O seu trabalho ... tem desvantagem de chegar um pouquinho tarde*

O fato de construções desse tipo serem bastante frequentes no português europeu à mesma época, tal como nas sentenças extraídas de anúncios em jornais lisboetas apresentadas a seguir, confirmam não se tratar de uma inovação atrelada a qualquer processo de “esbotamento” semântico sofrido por *ter* no português brasileiro. A esse respeito, a única inovação gramaticalmente significativa e genuinamente brasileira entre construções com *ter* parece estar no uso desse item como o verbo existencial canônico, fato a ser tratado na próxima seção. Ao contrário do que poderíamos supor, portanto, não é possível estabelecer uma relação necessária entre o caráter semanticamente leve de *ter* nas construções em (82) e a sua alta frequência como verbo existencial.

(83) PORTUGUÊS EUROPEU – SÉCULO XIX

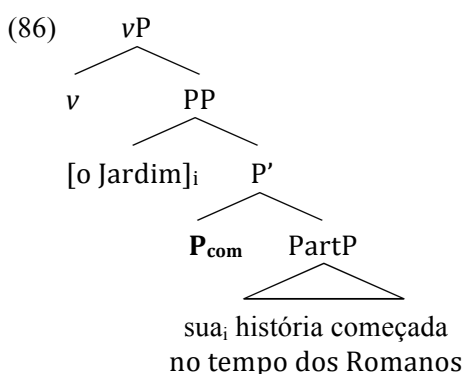
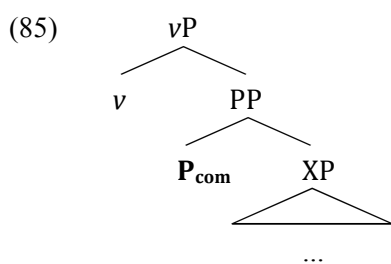
- a. “...visto que aos requerimentos, tanto a S. M. como as côrtes não tem **tido** deferimento” (A Lei/Lisboa, 08/06/1852)
- b. “...quem **tenha** direito a oppôr-se, o poderá deduzir no referido praso” (A Revolução de Setembro/Lisboa, 19/10/1841)
- c. “...precisa-se de um hortelão ... que **tenha** prática de tratamento de gado vacuum” (Diário de Notícias/Lisboa, 22/03/1865)
- d. “estas experiencias só se farão por espaço de algumas semanas, e não **terão** efeito nas occasiões em que a atmosfera esteja ennevoada” (Correio de Lisboa, 27/03/1840)

### 3.1.2 Relações predicativas participiais

Uma estrutura que também é bastante frequente entre os dados do século XIX envolve a construção em que *ter* toma como complemento uma relação predicativa participial, como nos exemplos em (84) a seguir. Trata-se de estruturas que remontam ao português medieval e, tendo em vista os resultados apresentados em Mattos e Silva (1989), estão na base das mudanças que culminaram na consolidação de *ter* como verbo auxiliar perfectivo, ao lado de *haver*.

- (84) a. [19,2 CL PE]  
*Os jardins **tem** sua historia **começada** no tempo dos Romanos*
- b. [19,2 CL SP]  
*Senhor Cazuza – **Tenho-o atravessado** nas goélas*
- c. [19,1 CL RJ]  
*seu Contador **tinha** uma pedreira **acobertada** com outro nome*
- d. [19,1 CL PE]  
*A Colonia, **tendo** a sua ordem **estabelecida**, algum dia, entã virá a ser superior a metrópole*
- e. [19,1 A SP]  
*Ao Coronel José Pedro Galvão há mais de anno fugio-lhe uma preta de nação ... e o mesmo protesta cobrar os jornaes de todo este tempo de quem a **tiver occulta***
- f. [19,1 A SP]  
*...um negro de nome Antonio ... **tem** no peito direito, ou esquerdo **carimbada** a letra B*

Considerando a formalização proposta em 2.1 para a configuração das orações possessivas, a relação predicativa participial corresponde ao XP que é tomado como complemento de  $P_{com}$ , tal como na configuração em (85) a seguir, que assume a estrutura em (86) para o exemplo apresentado anteriormente em (84a): a projeção que corresponde a XP é aqui referida como um PartP (*Participial Phrase*), que tem *sua historia* como sujeito e *começada no tempo dos Romanos* como predicado. O DP *os jardins* se encontra em Spec- $P_{com}$ , posição a partir da qual é movido para Spec-T.



Essa construção possessiva com base predicativa participial é também usual no período contemporâneo. Contudo, estudos para caracterizar a sua abrangência em termos de frequência quando em variação com outras construções (por exemplo, construções com o verbo na forma do



pretérito perfeito em vez do particípio) ainda estão por ser feitos, tanto no eixo sincrônico quanto no diacrônico.

Há ainda outros tipos de relação predicativa, para além da participial, internos às construções possessivas. As sentenças em (87) a seguir mostram que, no período oitocentista, tal como em variedades contemporâneas do português, o XP (entre colchetes) pode ter como predicado constituintes nucleados por diferentes categorias: em (a)-(c), o predicado tem como núcleo um adjetivo; em (d)-(f), o predicado consiste num sintagma preposicionado com interpretação locativa; em (g), o predicado é um pronome adverbial; e em (h)-(i), o predicado é oracional – um constituinte infinitivo e gerundivo, respectivamente.

- (87) a. [19,2 CL PE]  
*A voz suave e melodiosa, o mimo e o sentimento da execução **teve** [ o auditório **suspense em sublime arroubo** ] durante todo o tempo*
- b. [19,2 CL PE]  
*...agora mesmo **tenho** [ minha filha única **agonisante** ]*
- c. [19,1 A SP]  
*...na mão esquerda o escravo **tem** [ o dedo mínimo **arcado para a parte da palma** ]*
- d. [19,1 A SP]  
*seu Senhor se chama João Pereira, que **tem** [ uma Fazenda **ao pé de Taguahi** ]*
- e. [19,1 A SP]  
*perdeu-se uma Notta do Banco d'esta Cidade do valor de 50\$000 réis, que **tinha** [ **no verso as letras W.W.H.** ]*
- f. [19,2 A BA]  
*a africana Maria ... **tem** [ **no pescoço um papo** ]*
- g. [19,1 A SP]  
*quem julgar **ter** [ **alli coisa que lhe pertença** ] poderá comparecer declarando qual seja*
- h. [19,2 A CE]  
*N'esta typographia se dirá quem **tem** [ **para vender uma grannde porção de madeira de cedro** ]*
- i. [19,2 A BA]  
*agora **temos** [a casa de papel **substituindo todos os velhos e passados processos de construção**]*

### 3.1.3 Correferência com o sujeito da oração

Na seção 2.1, foi destacada uma propriedade das construções possessivas que as distingue de outros padrões frásicos: a necessidade de haver uma correferência entre o constituinte tomado como sujeito e um item interno ao XP. Nem sempre essa correferência é explícita, uma vez que o item que serve ao seu estabelecimento no interior do predicado pode ser uma categoria fonologicamente nula. Em (88) a seguir, são apresentadas algumas construções do português brasileiro oitocentista em que um item (sublinhado) pertencente ao predicado é explicitamente coindexado com o termo em posição de sujeito (entre colchetes), satisfazendo o requerimento da correferência. Nos casos de (a)-(g), os itens correferentes com o sujeito são todos pronomes possessivos na função de adjuntos

adnominais; em (h), a correferência é estabelecida com um pronome pessoal oblíquo interno a um PP que funciona como o predicado do XP.

- (88) a. [19,2 CL SP]  
[ *toddas as minhas amizades* ]<sub>i</sub>, *mais ou menos **tiveram** o seu<sub>i</sub> mólho*
- b. [19,2 CL SP]  
[ *cv* ]<sub>i</sub>; ***Tive**, á vista de resposta, minhas<sub>i</sub> alegrias*
- c. [19,1 CL RJ]  
*...por ter estado á espera do competente documento, o qual porêem ainda [ *cv* ]<sub>i</sub> não **tenho** em meu<sub>i</sub> poder, mas que espero a todo o momento*
- d. [19,1 CL RJ]  
*Vossas Senhorias, vedão que [ *eu* ]<sub>i</sub>; **tenha** no meu<sub>i</sub> quintal um magro leitão á engordar para a Paschoa*
- e. [19,2 CL RJ]  
[ *nada* ]<sub>i</sub>; *há neste mundo, que não **tenha** seu<sub>i</sub> dia de utilidade*
- f. [19,1 CL PE]  
*por quanto mostra o cuidado que [ *ele* ]<sub>i</sub>; **tem** de suas<sub>i</sub> ovelhas*
- g. [19,2 CL PE]  
*agora mesmo [ *cv* ]<sub>i</sub>; **tenho** minha<sub>i</sub> filha única agonisante*
- h. [19,1 CL CE]  
[ *eu* ]<sub>i</sub>; ***tinha** contra mim<sub>i</sub> as penas do artigo 249 do codigo penal*

Tal como no português brasileiro contemporâneo, é bastante comum que a correferência envolva um sujeito nulo referencial dentro de uma oração infinitiva interna ao predicado, como nos casos em (89) adiante<sup>22</sup>. Essa oração pode desempenhar a função de complemento nominal (como nos exemplos em (a)-(c)) ou corresponder ao que as análises tradicionais classificam como sendo uma “relativa sem antecedente explícito” (como em (d)), além de outras possibilidades.

- (89) a. [19,2 CL SP]  
[ *nenhuma auctoridade* ]<sub>i</sub>, *quando lavra uma ordem, **tem** obrigação de [ *cv*; dizer o motivo por que faz ]*
- b. [19,1 CL RJ]  
[ *cv* ]<sub>i</sub>; *nunca **tive** intenções de [ *cv*; entreter correspondencias com Burros ]*
- c. [19,2 CL PE]  
[ *o chloro e mais reagentes conhecidos* ]<sub>i</sub>; ***tem** a capacidade de [ *cv*; combater a todos os miasmas ]*
- d. [19,2 CL SP]  
*assim não [ *cv* ]<sub>i</sub>; **tenho** [ onde *cv*<sub>i</sub> botar o cisco da rua ]*

### 3.1.4 Ordem de constituintes

Por fim, outra propriedade demonstrada pelo conjunto das orações possessivas entre os dados do período oitocentista é a grande variabilidade na ordem dos constituintes, para além da ordem canônica SVO. A seguir, estão exemplificadas algumas construções com as seguintes ordens: VSO (90), VOS (91), OVS (92) e SOV (93). Especificamente sobre os casos de posposição do sujeito ao

verbo (VS), essa ordem parecia ser bastante comum em sentenças interrogativas, como em (94a-b), e nas orações relativas, como em (94c-e).

(90) VSO

- a. [19,2 CL SP]  
*Tenham pois as quitandeiras muita cautella com as suas aves*
- b. [19,2 CL PE]  
*Teria esse pharmaceutico o cuidado de trazer consigo a chloedina*
- c. [19,2 CL PE]  
*só nos fretes da [l]nha **tem** a companhia um rendimento mensal de 200 a 300 \$ 000*

(91) VOS

- a. [19,2 CL PE]  
*Talvez não **tenha** tempo o seu autor de alcançar o cargo que mais merece!*
- b. [19,2 CL PE]  
*teve lugar aquelle concerto no salão do arsenal da Marinha*

(92) OVS

- a. [19,1 CL BA]  
*nenhum effeito **tem** a sua resposta feita em o numero 41*
- b. [19,2 CL BA]  
*se motivos **tinha** eu para proteger o Senhor José Pinto, motivos tinha igualmente para punir a morte da Senhora do mesmo*
- c. [19,2 A BA]  
*Chapeus de palha amarella e de outras côres, para crianças, rapazes e homens, e com formas inteiras muito novas **tem** a Loja de Variedades*

(93) SOV

- [19,2 CL PE]  
*Todos sabem que o lugar da Pontezinha, antes da construção da estrada de ferro, nenhuma importancia **tinha***

(94) VS em sentenças interrogativas e orações relativas

- a. [19,2 CL SP]  
*não **temos** nós direito a hygiene publica ...?*
- b. [19,2 CL SP]  
*Que razões **temos** nós para zangar-nos contra os portugueses aqui residentes...?*
- c. [19,2 CL SP]  
*...junto ao despejo que continuadamente fazem de tudo que de mais nojento e repugnante **tem** em casa as quitandeiras*
- d. [19,1 CL RJ]  
*...principal garantia que **tem** um cidadão pacífico ... é a imprensa*
- e. [19,2 CL PE]  
*...os desarranjos de seus aparelhos, em tudo defeituosos, procedem do pouco cuidado que **tem** os particulares*

Uma questão relevante que merece ser levantada frente aos “desvios” em relação à ordem canônica é a de saber se as possibilidades exemplificadas em (90)-(94) são resultantes de propriedades da *gramática nuclear* daqueles que as produziram ou se resulta de idiosincrasias da

*gramática periférica*, no sentido com que esses termos aparecem definidos em Chomsky (1981)<sup>23</sup>. Se se tratar do primeiro caso, somos levados a considerar que, do período oitocentista ao contemporâneo, as orações possessivas foram afetadas por alguma mudança de natureza (macro/micro)paramétrica relacionada à colocação dos constituintes na estrutura sentencial. Se estivermos diante do segundo caso, o que temos é o uso de recursos de ordem estilística que não estão necessariamente atrelados à requerimentos da língua-I(interna) dos indivíduos que produziram os textos, mas que são explorados por meio da reprodução de padrões frásicos provenientes, por exemplo, de estágios anteriores da língua, aprendidos por meio do amplo contato com a língua escrita.

É possível, ainda, que a variação seja o resultado da sobreposição de recursos provenientes tanto da gramática nuclear quanto da periférica, o que tornaria ainda mais complexa a tentativa de captar formalmente as propriedades relativas à sintaxe da ordem no estágio oitocentista. A esse respeito, uma consideração que se pode fazer em torno das ordens identificadas, ainda que de forma assistemática e meramente intuitiva, é que algumas delas parecem causar menos estranhamento a falantes do português brasileiro contemporâneo do que outras. Esse parece ser o caso, por exemplo, das construções em (94c-e), em que a posposição do sujeito ao verbo se dá no interior de orações relativas. É necessário, de todo modo, um estudo mais amplo para validar ou refutar essas hipóteses a respeito do estatuto das diferentes ordens quanto à sua relação com a gramática nuclear ou periférica, bem como se o maior ou menor estranhamento das diferentes ordens nos dias atuais pode ou não ser tomado como um sinalizador dessa filiação. Para mais detalhes sobre a sintaxe da ordem em construções declarativas na história do português brasileiro, vejam-se trabalhos como os de Berlinck (1989) e Berlinck e Coelho (neste volume).

### 3.2 As sentenças existenciais com *ter* no conjunto de inovações do português brasileiro

O português brasileiro oitocentista apresenta construções em que *ter* é inequivocamente empregado como verbo existencial, mostrando as mesmas características observadas no estágio contemporâneo. O seu percentual de frequência, entretanto, é bastante baixo em comparação com o das existenciais com *haver* no mesmo período: 10% vs. 90%. Exemplos com um e outro verbo são apresentados a seguir. A partir deste ponto do capítulo, as existenciais com *ter* e *haver* serão aqui chamadas, respectivamente, *Ex-ter* e *Ex-haver*.

- (95) a. [19,1 CL BA]  
*para estes malvados, já mais póde **haver** indulgencia da parte de Sua Magestade*
- b. [19,2 CL BA]  
*não **houve** ordem escripta para que meu irmão fosse conservado incomunicável*
- c. [19,1 A BA]  
*Na primeira Prença, **tem** farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro*

d. [19,1 A BA]

*Na loja de frente da Madre-Deos Número 201 tem para vender Rapé de superior qualidade vindo ultimamente de Lisboa*

Quando comparamos os percentuais de ocorrência em cada um dos estados considerados (ver figura 8 a seguir), vemos que, no século XIX, a distribuição das frequências com cada verbo não é uniforme, com *ter* variando de 37% nas amostras do Ceará a nenhuma ocorrência nas do Rio de Janeiro. Quanto a *estar com*, não foi encontrado nenhum caso de oração existencial com essa locução nas amostras analisadas, o que não causa nenhuma surpresa, tendo em vista que, mesmo nos dias atuais, trata-se de um padrão frásico que não tem tido espaço na língua escrita monitorada, apesar de sua ampla ocorrência em blogues, como nos exemplos apresentados anteriormente em (42).

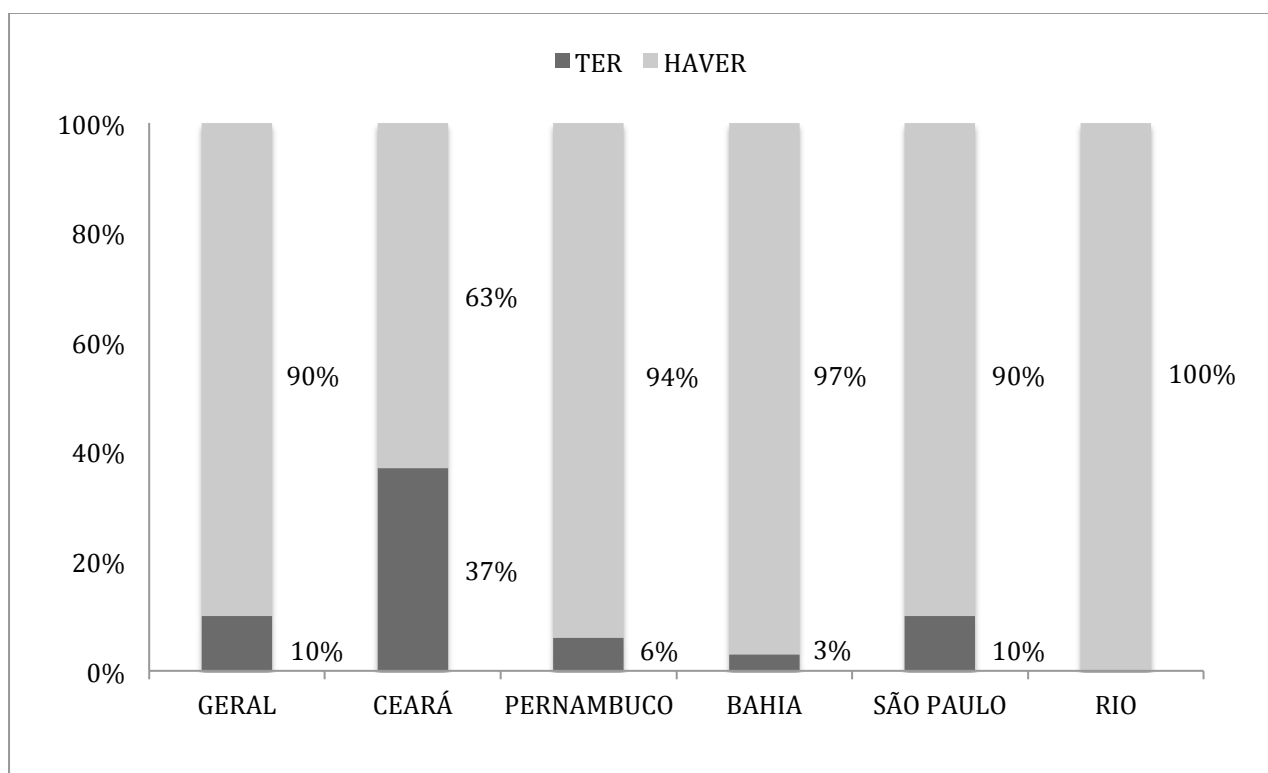


Figura 8: Frequência de existenciais com *ter* e *haver* em amostras de anúncios e cartas de leitor publicados em jornais de cinco estados brasileiros no século XIX

É provável, contudo, que a frequência das *Ex-ter* na modalidade oral fosse, já àquela época, bem maior que a aferida nas amostras. A esse respeito, Julio Ribeiro destaca, em sua *Grammatica* publicada no último quartel do século XIX, que o uso de *ter* vinha “se tornando geral no Brasil, até mesmo entre as pessoas ilustradas”. Na contramão dessa observação de Ribeiro, quando os números da primeira metade do século XIX são comparados com as da segunda, o percentual de *Ex-ter* cai de 14% para 7%, o que talvez seja fruto de uma ação normativa deliberada desencadeada na segunda metade do século, no sentido de coibir, na língua escrita, o uso de uma inovação gramatical contrária ao padrão lusitano. Isso pode explicar por que não foi encontrada qualquer

ocorrência de *Ex-ter* nas amostras do Rio de Janeiro: por ser a então capital da Corte, e ter recebido um número significativo de portugueses no decurso do século XIX, a cidade provavelmente ficou mais exposta a uma ação normativa que as demais localidades do Império. Em contraposição, no extremo norte do país (mais distante, portanto, da pressão normativa manifesta na Corte), o estado do Ceará é o único em que, na primeira metade do século XIX, o percentual das *Ex-ter* ultrapassa o das *Ex-haver* no conjunto dos anúncios: 62% vs. 38%.

Essa ação normativa deliberada se manifesta claramente nos documentos das primeira e segunda metades do século XX: ao contrário do que se poderia esperar se nenhuma ação desse tipo tivesse tido lugar, as *Ex-ter* praticamente desaparecem dos anúncios e cartas de leitor nos periódicos novecentistas analisados, consolidando assim a tendência de rejeição ao emprego dessas construções na escrita, o que já se fazia entrever na segunda metade do século anterior. De um total de 103 construções existenciais levantadas nos periódicos do século XX, foram identificados apenas 5 casos com *ter*, apresentados em (96) a seguir. Entre esses casos, dois aparecem numa única carta de leitor, em um trecho no qual o autor procura reproduzir, em tom de crítica, a fala de outra pessoa (...*aqui não tem nada*...), e outro numa oração interjectiva (*Tem jeito não*), que pode ser analisada como uma expressão cristalizada.

- (96) a. [20,2 CL PE]  
*Ainda bem, que é só quase o tempo a categoria mais visível e filosofável pelo senso comum, caso contrario, não **teria** publico para a mais recente obra de “embelezamento do mundo”*
- b. [20,2 CL CE]  
***tem** gente que só falta atropelar as pessoas pedindo esmola nas ruas*
- c. [20,2 CL CE]  
*Senhor Editor: **Tem** jeito não. Fomos vítimas de mais “uma” arquitetada e executada pelos possuidores do poder*
- d. [20,2 CL RJ]  
*...para lá me dirijo a fim de tirar a carteira de identidade e [...] ouço a mesma resposta: “Aqui não **tem** nada”*
- e. [20,2 CL RJ]  
*Quando cheguei, esperei um tempo enorme para ouvir: “Mandei a senhora para a Frei Caneca porque aqui não **tem** nada”*

Observando textos brasileiros contemporâneos escritos já no início do século XXI, Avelar (2005) e Avelar e Callou (2007a) mostram que as *Ex-haver* alcançam o percentual de 86% (contra 14% de *Ex-ter*), índice idêntico ao observado entre os anúncios e cartas de leitor da primeira metade do século XIX. Os resultados apresentados nos dois trabalhos sugerem que a distribuição das frequências é, na escrita brasileira contemporânea, sensível ao gênero discursivo dentro do qual a sentença existencial é produzida. Foram analisados textos literários (crônicas e romances), excertos de autoajuda, trabalhos de divulgação científica, notícias em jornais, anúncios em revistas e piadas. O único gênero em que a frequência de *Ex-ter* (60%) supera a de *Ex-haver* (40%) são as piadas;

entre os anúncios, há o que se pode considerar um empate técnico – 53% para *Ex-haver* e 47% para *Ex-ter*. Em todos os demais gêneros, a frequência de *Ex-haver* é maior que a de *Ex-ter*, chegando a 100% nos excertos de autoajuda e nos trabalhos de divulgação científica.

É possível estabelecer um certo paralelo entre esses números do século XXI e o que se observa na escrita oitocentista, no que tange à sensibilidade da variação quanto ao gênero discursivo: a frequência de *Ex-ter* nos anúncios, entre os quais chega a 24% (36% na primeira metade do século e 17% na segunda metade), é maior que nas cartas de leitor, entre as quais não alcança 1%. Isso se deve, possivelmente, ao fato de os anúncios serem normativamente menos monitorados de que as cartas de leitor, observação também válida para a escrita contemporânea no que diz respeito aos anúncios e piadas em contraposição aos demais gêneros considerados em Avelar (2005) e Avelar e Callou (2007a). Portanto, em comparação com o atestado no século XIX, os números do primeiro decênio do século XXI revelam que, na língua escrita, não houve mudanças significativas quanto à recorrência de *Ex-ter*, a despeito de haver claros sinais de que essas construções eram empregadas em alta frequência na linguagem coloquial do estágio oitocentista (vide a observação de Julio Ribeiro, mencionada no início desta seção).

A seguir, serão abordados alguns aspectos relevantes para o estabelecimento de um panorama diacrônico em torno das orações existenciais. Duas questões particulares irão nortear a abordagem: (i) a emergência de *ter* como verbo existencial é uma inovação do português brasileiro ou uma herança de estágios anteriores do português europeu? e (ii) em termos intralinguísticos, o que determinou a consolidação da *Ex-ter* como a construção existencial canônica do português brasileiro, em oposição ao português europeu?

### **3.2.1 A filiação das *Ex-ter*: inovação do português brasileiro ou herança do PE?**

De uma perspectiva diacrônica, uma questão de óbvio interesse no estudo das *Ex-ter* é a de saber em que ponto da evolução da língua o verbo *ter* passou a ser empregado como existencial, dando origem ao uso corrente que temos no português brasileiro atual. Até aqui, o que se pode afirmar com certeza é que, em fontes escritas, os dados do século XIX apresentam um conjunto de construções com *ter* que podem ser inequivocamente tratadas como existenciais, dispendo das mesmas propriedades que as identificadas nos dias de hoje. Por outro lado, os dados provenientes de épocas anteriores ao século XIX apresentados na literatura sobre o assunto não podem ser tratados como casos inequívocos de construções existenciais (ver Sampaio 1978; Mattos e Silva 1989, 1995, 1996, 2002; Ribeiro 1996; Viotti 1998; Eleutério 2003). A maioria desses dados representa o que se pode chamar de “contextos opacos”, nos quais *ter* admite uma leitura tanto possessiva quanto existencial.

Além disso, dada a superposição semântico-discursiva do conteúdo veiculado pelas construções possessivas e existenciais em qualquer que seja a língua natural, as sentenças possessivas podem, em certos contextos, servir à expressão de existência, o que não quer dizer que, numa dada língua, o verbo possessivo tenha sido reanalisado como existencial pelos seus falantes. Tendo isso em mente, cumpre afirmar que nenhum dos trabalhos consultados (citados no parágrafo anterior) para identificar possíveis casos de *Ex-ter* antes do século XIX apresenta um conjunto significativo de dados que justifiquem considerar o uso inequívoco e/ou sistemático de *ter* como existencial em períodos anteriores ao século XIX, seja no Brasil, seja em Portugal. O que se apresenta, quase sempre, são dados esparsos, que, por uma confluência de fatores contextuais, podem receber interpretação existencial sem, contudo, excluir a leitura possessiva.

Especificamente no que concerne a fontes escritas produzidas no Brasil anteriormente ao século XIX, Eleutério (2003) apresenta dados do século XVII que se encaixam na situação descrita acima. São casos como os destacados entre colchetes nos excertos reproduzidos a seguir:

- (97) *...e assim diserão **elles** doadores que têm e em caza tres crianças emgeitadas que **elles** criarão Manoel Jozeph Pascoal os quais emcomendão aos Religiozos seos herdeiros os têm debaixo de sua propeção e os dotrinem como filhos juntamente com os mamalucos forros que [ em **sua** caza **tem** ], em fê do qual assim o outrogarão... – texto notarial/1632*
- (98) *e assim ia que não pode tratarse do pasado deuia a **Sancta Caza da Mizericordia** [...] ver as desconueniencias que [ **tinha** ]. – texto notarial/1691*
- (99) *O Padre Prior e mais Religiozos do conuento do Carmo desta çidade do Rio de Janeiro [dis] que ao ditto Convento deo em capella com obrigaçons de missas, e outros legados de **Pedro Luis Ferreira** huas terras que [ **tem** em o Rio Sorohy ] – texto notarial/1620*
- (100) *pello dito Capitam Sebastião Mendes da Silveira me foi dito em prezensa delle testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, que **elle** esta de posse paçifica do Emgenho e terras que [ **tinha** na guaratiba ] – texto notarial/1660*
- (101) ***O Padre Prior e mais Religiozos do Conuento de Nossa Senhora do Carmo** [dis] que elles querem comesar as obras de **sua Igreja** o que he bem e honrra da **terra** por ser temple donde concorre toda a gente della e [ hora **tem** huã pedreira aberta em huma Ilha que esta no mar da Ilha de Sam Bento ] e hora se não sabe ter Senhor - texto notarial/1619*

(Dados de textos notariais do século XVII, apresentados em Eleutério 2003)

Como já ressaltado em Avelar e Callou (2007b), se oferecermos às construções sublinhadas nos trechos em (97)-(101) um juízo de (a)gramaticalidade com base na gramática do português brasileiro contemporâneo, a interpretação preferencial (e, talvez para boa parte dos falantes, a interpretação única) é aquela em que *ter* é parte de uma oração existencial. Contudo, se apresentadas a falantes do português europeu contemporâneo, as mesmas construções serão interpretadas como casos de expressão possessiva. Notemos que é possível indicar um sujeito para *ter* em qualquer das orações destacadas: em (97), o possuidor de casa, referenciado pelos pronomes *elles* e *sua*; em (98), a Santa Casa de Mizericórdia; em (99), Pedro Luís Ferreira; em (100), a pessoa referenciada pelo pronome *elle*; em (101), há três candidatos: *o Padre Prior e os mais Religiozos do Convento, sua Igreja e a terra*.



Essa mesma opacidade quanto ao caráter possessivo-existencial da oração com *ter* fica evidenciada pelo juízo de falantes do português brasileiro também quando diante de construções extraídas de amostras de fala do português europeu contemporâneo, em casos como o seguinte:

(102) PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

*...e depois fomos para UMA TASCÁ, meu, que era espectacular. então é AQUELA TASCÁ que eu já te contei, que era: tipo u[...], uma garagenzinha, estás a ver, e [ tinha uns bancos de madeira, tipo, umas tábuas de madeira em cima de tijolos ]* (Apresentado em Avelar e Callou 2007b)

Em síntese: falantes de português europeu interpretam as orações com *ter* destacadas em (97)-(102) como possessivas, enquanto falantes de português brasileiro tendem a interpretá-las como existenciais. As restrições para o licenciamento de sujeito nulo no português brasileiro parecem ser a chave para compreender a atribuição generalizada de um estatuto existencial a frases com *ter* em contextos específicos. Como será destacado na próxima seção, o português brasileiro mostra, em sua história, uma redução drástica na frequência de sujeitos nulos referenciais (Duarte 1995), o que pode ser a causa (ou, pelo menos, uma delas) da dificuldade para interpretar como possessivas as construções com *ter* sem um constituinte nominal fonologicamente expresso no interior da oração. Para ilustrar essa dificuldade, vale destacar a situação relatada por Mary Kato, apresentada no excerto em (103) a seguir, que envolve a produção de sentenças com *ter* num diálogo entre ela e um falante de português europeu.

(103) a. João: – *Tem uma tesourinha?*

b. Mary: – *Tem.*

c. João: – *“Tem”, não. “Tenho”.*

d. Mary: – *Não, é “tem” mesmo.* (Apresentado em Kato 2005)

No contexto em que se deu o diálogo, a realização de “Tem uma tesourinha?” por João, detentor da gramática do português europeu, deveria receber a mesma interpretação oferecida à construção “Você tem uma tesourinha?” por um detentor da gramática do português brasileiro. Em outras palavras, a inexistência de material fonético à frente do verbo *ter* deveria ser tomada, dentro das possibilidades oferecidas pela sintaxe do português europeu, como resultado de um sujeito nulo correferente ao interlocutor do João. Em contraste, na interpretação oferecida por Mary, a leitura mais natural para a frase é aquela em que pode ser parafraseada por uma construção impessoal do tipo “Há/Existe alguma tesourinha que pode ser disponibilizada pra mim”, consequência da dificuldade, por parte da brasileira, em licenciar um sujeito nulo referencial na posição requerida. Frente a essa ilustração, é plausível considerar que as condições para o licenciamento de sujeito nulo podem, de alguma forma, estar na base do processo que levou *ter* a ser interpretado como o existencial canônico do português brasileiro.

Retornemos aos contextos opacos do século XVII, apresentados anteriormente em (97)-(101). Para determinar o verdadeiro estatuto daquelas construções com *ter*, é necessário saber se seus

enunciadores eram providos de uma gramática mais próxima da do João ou da Mary, no que diz respeito às propriedades do sujeito nulo. Até aqui, não há razões para crer que as condições necessárias às alterações no licenciamento de sujeito nulo, desencadeadas pela redução do paradigma verbo-flexional, estivessem em estágio tão avançado no português do/no Brasil ao longo do século XVII, a ponto de a gramática dos falantes letrados em território brasileiro naquele período (que sequer sabemos se eram ou não nascidos no Brasil) produzir, em larga escala, construções inequivocamente impessoais com um verbo tipicamente possessivo. No que tange, portanto, às características do paradigma verbo-flexional e do sujeito nulo, o mais provável é que os falantes letrados em território brasileiro àquela época tivessem uma gramática muito mais próxima do português europeu contemporâneo do que da do português brasileiro. Por conta disso, os dados com *ter* em (97)-(101) devem ser analisados como ocorrências de sentenças possessivas, e não existenciais.

Podemos afirmar, portanto, que nenhum estudo apresentou, até agora, dados quantitativa e qualitativamente significativos que justifiquem considerar *ter* havido um uso sistemático de *ter* como existencial em fontes escritas anteriores ao século XIX. Ainda que as supostas ocorrências de *ter* como existencial em estágios anteriores do português, referidas nos trabalhos atualmente disponíveis, venham a ser comprovadas como orações que realmente serviam à expressão de existência, é inequívoco o fato de ser no português brasileiro que *ter* assume o posto de verbo existencial canônico, fruto de uma mudança que conduziu (ou vem conduzindo) à supressão de *haver* no mesmo contexto frásico. Nesse sentido, não há razões para acreditar que o emprego de *ter* como o existencial prototípico da língua tenha filiação no português europeu. A pergunta relevante, na qual a próxima seção irá se concentrar, é a de saber por que o verbo *ter* conquistou esse estatuto no português brasileiro, sem que o mesmo fato tenha tido paralelo no português europeu.

### **3.2.2 A emergência de *ter* como verbo existencial canônico do português brasileiro**

Em Avelar (2009b, 2009c), são discutidos dois fatores que podem ter sido determinantes na consolidação de *ter* como o existencial canônico do português brasileiro: (a) as novas condições para o licenciamento e interpretação de sujeitos nulos, determinadas pela progressiva simplificação do paradigma flexional e (b) a emergência de novos padrões de inversão locativa, por meio dos quais sintagmas preposicionados locativos passaram a ser licenciados em posição de sujeito. Esta seção se ocupa desses dois fatores e procura mostrar como sua confluência pode ter determinado a mudança relevante.

### *As restrições para o licenciamento de sujeitos nulos e seus efeitos sobre as construções possessivas e existenciais do português brasileiro*

Como destacado em 3.2.1, brasileiros tendem a interpretar orações com *ter* sem sujeito expresso como sentenças existenciais, enquanto portugueses oferecem às mesmas uma interpretação possessiva. Esse contraste pode estar radicado, em grande medida, nas diferenças relativas à marcação do parâmetro *pro-drop* entre as duas variedades do português: dadas as condições para o licenciamento de sujeitos nulos referenciais, o português europeu apresenta propriedades que são típicas das línguas *pro-drop* canônicas (como o italiano e o espanhol), enquanto o português brasileiro tem sido caracterizado como uma língua *pro-drop* parcial, como o finlandês e o marathi (Rodrigues 2002; Kato 2000; Holmberg, Nayadu e Sheehan 2009)<sup>24</sup>. O que justifica o estabelecimento desse contraste são as fortes restrições ao licenciamento de sujeito nulo referencial na variedade brasileira, não atestadas na europeia (ver também o capítulo de Duarte, neste livro). Em um estudo sobre o preenchimento da posição de sujeito nas duas variedades, com base em dados de fala, Duarte (1995) observa que o percentual de sujeitos nulos referenciais chega a 69% no português europeu contemporâneo (década de 80), mas não ultrapassa os 29% no português brasileiro. O excerto de fala apresentado pela autora, reproduzido em (104) a seguir, é representativo do que ocorre no português brasileiro: o pronome *ela* é realizado em todas as posições nas quais o sujeito e o tópico do discurso (*essa minha tia*) são correferentes; no português europeu, ao contrário, essas posições tenderiam a ocorrer com sujeitos nulos, tal como no excerto em (105), no qual todos os sujeitos na primeira pessoa do singular deixam de ser fonologicamente expressos nas posições identificadas como “Ø”.

#### (104) PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Essa minha tia que mora aqui, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... Ela é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. Ela – isso é até um pouco de defeito – ela pensa muito mais nos outros do que nela, né. Mais eu acho que ela é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada... É que a vida não ficou a dever, entendeu, nada. Foi uma opção dela ficar solteira. Ela não ficou solteira porque não apareceu pretendente. Ela ficou solteira porque ela quis.* (Apresentado em Duarte 1995:46)

#### (105) PORTUGUÊS EUROPEU

*...porque me parecia uma coisa detestável, um problema grande de consciência, se amanhã como magistrado Ø viesse a verificar que Ø tinha errado ou que Ø tinha julgado mal, sobretudo se Ø tivesse julgado mal em prejuízo de alguém... Hoje Ø gostava de ser magistrado porque Ø estou convencido que Ø talvez evitasse mais injustiças como magistrado do que as que Ø posso evitar como advogado.* (Apresentado em Duarte 1995:11)

Vem sendo comumente aceito que a origem desse contraste no que tange à frequência de sujeitos nulos referenciais está na simplificação do paradigma verbo-flexional que teve lugar no português brasileiro. Essa simplificação segue ilustrada no quadro em (106) a seguir: em comparação com o português europeu, cujo sistema flexional permite distinguir claramente as três

pessoas do discurso, no singular e no plural, o português brasileiro apresenta um sistema reduzido em termos flexionais (tanto na variedade dita *padrão* quanto na *popular*), com a única distinção clara sendo observada na primeira pessoa do singular. Frente a essa simplificação, a expressão fonológica do sujeito passou a ser mais frequente do que no português europeu, uma vez que o paradigma flexional não consegue recuperar com facilidade o referente discursivo do sujeito. Segue daí a distinção entre o *estatuto canonicamente pro-drop* do português europeu, com baixa restrição à ocorrência de sujeitos nulos referenciais, ao *estatuto parcialmente pro-drop* do português brasileiro, em que sujeitos nulos referenciais ainda são licenciados, mas com fortes restrições.

(106)	<b>PORTUGUÊS EUROPEU</b>	<b>PORTUGUÊS BRASILEIRO PADRÃO</b>	<b>PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR</b>
	eu falo	eu falo	eu falo
	tu falas	você/tu fala	você/tu fala
	ele fala	ele fala	ele fala
	nós <i>falamos</i>	a gente fala / nós <i>falamos</i>	a gente/nós fala
	vós <i>falais</i> / vocês <i>falam</i>	vocês <i>falam</i>	vocês fala
	eles <i>falam</i>	eles <i>falam</i>	eles fala

Retornando às orações possessivas e existenciais, é óbvio qual terá sido o efeito da simplificação do paradigma flexional (e suas consequências na interpretação do sujeito nulo) sobre as orações com *ter*: para falantes do português brasileiro, sentenças com *ter* sem um sujeito fonologicamente expresso não são facilmente associadas a um referente interpretado como “possuidor” que seja externo à oração, ao contrário do que se observa entre os falantes de português europeu (ver 3.2.1). A questão relevante é saber por que, frente às mudanças no paradigma verbo-flexional e nas condições para o licenciamento de sujeitos nulos, os falantes passaram a atribuir uma interpretação existencial às orações em que não há um sujeito expresso para *ter*, em vez de fornecer a essas sentenças outra interpretação qualquer. Esse será o tópico da próxima seção, quando será abordada a inversão locativa. Por ora, é relevante salientar uma correlação quantitativa que pode ser estabelecida entre a diminuição da frequência de sujeitos nulos e o aumento de orações existenciais com *ter* no decurso dos séculos XIX e XX. Essa correlação fica evidente na figura 9 a seguir, que traz um panorama obtido a partir dos resultados apresentados em Duarte (1995) e Marins (2012), com base em peças teatrais brasileiras produzidas entre 1845 e 1992: o percentual de sujeitos nulos nas peças teatrais caiu de 80% em 1845 para 26% em 1992, enquanto o das existenciais com *ter* vai de 0% a 86% no mesmo período. O paralelo entre a diminuição da frequência de sujeitos nulos e a ampliação da frequência de orações existenciais com *ter* é evidente, o que reforça a hipótese de que mudanças no parâmetro *pro-drop* afetaram a interpretação das construções com *ter* no português brasileiro, resultando no uso desse verbo como o existencial canônico da língua.

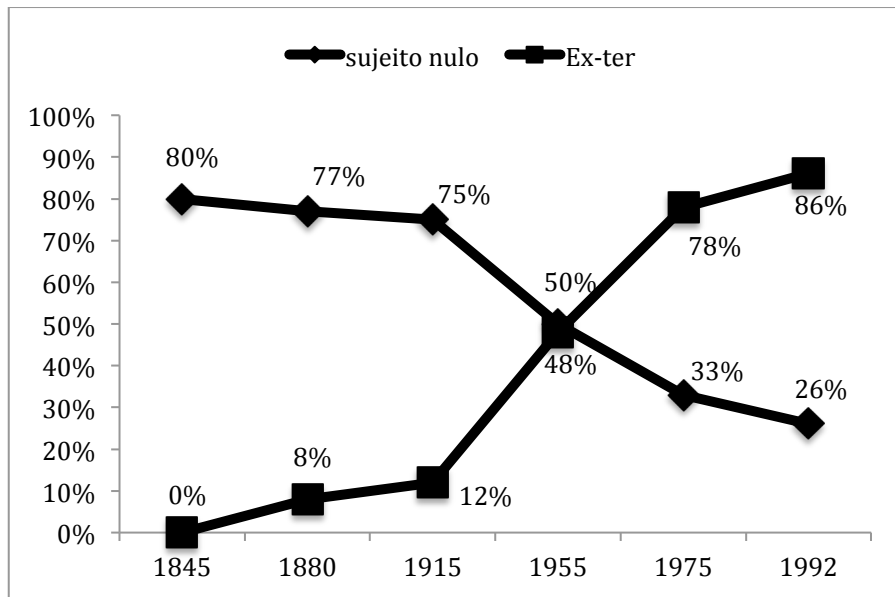


Figura 9: Frequência de sujeitos nulos e sentenças existenciais com *ter* em textos de peças de teatro no decurso dos séculos XIX e XX. Números baseados nos resultados apresentados em Duarte (1995) e Marins (2012).

Se esta hipótese a respeito da emergência de *ter* como o existencial canônico do português brasileiro estiver correta, há pelo menos duas questões que precisam ser respondidas: (i) por que a interpretação das orações com *ter* que não dispõem de um argumento externo resulta necessariamente na leitura existencial e (ii) por que a emergência de *ter* como existencial vem sendo acompanhada da supressão do verbo *haver* – em outras palavras, por que a alternância entre *ter* e *haver* não se fixou como uma variação estável, em vez de promover uma mudança em que as construções com *haver* vem deixando de ser realizadas. Essas duas questões serão abordadas a seguir.

### ***Sobre a origem da interpretação existencial para as orações com “ter”***

A relevância da primeira questão que encerra o tópico anterior – por que a interpretação das orações com *ter* sem um argumento externo produz a leitura existencial – se deve à observação de um fato largamente atestado no português brasileiro contemporâneo entre sentenças com certos tipos de verbo transitivo: na ausência de um argumento externo explícito, orações com os verbos relevantes são geralmente interpretadas como tendo um sujeito indeterminado (de referência genérica ou arbitrária). Essa propriedade é observada no excerto apresentado a seguir, que reproduz um trecho de fala extraído de uma entrevista: em negrito, vemos uma sequência de verbos transitivos (*faz*, *escolhe*, *lava*, *deixa*) cujo argumento externo não é fonologicamente explicitado, nem dispõe de um correferente com interpretação definida no contexto. Em todos esses casos, estamos de diante de sujeitos com referência genérica, que seriam normalmente sinalizados, no português europeu, pela realização do pronome *se* (*faz-se*, *escolhe-se*, *lava-se*, *deixa-se*). Cabe notar, nesse mesmo trecho, a ocorrência do pronome *você* com interpretação genérica, junto ao verbo *pegar* (...*você pega uma*

*panela de pressão...*), estratégia cada vez mais frequente no português brasileiro para expressar a indeterminação referencial do sujeito.

(107) Falante A: *Me diz passo a passo como é que faz um feijão.*

Falante B: *É... escolhe ele, lava, deixa de molho, deixa uma hora de molho, aí depois – de um dia pro outro né? – aí de manhã VOCÊ pega uma panela de pressão, um pouquinho d'água, um dente de alho, um louro, cebola e o feijão e água, carne seca... e deixa cozinhar.* (Apresentado em Avelar & Callou 2011).

Voltando ao caso das construções com *ter*, devemos nos perguntar por que, na ausência de um sujeito referencial fonologicamente expresso ou recuperável discursivamente, as orações com esse verbo não são interpretadas como tendo um sujeito indeterminado, tal como as destacadas em (107) acima. Em outras palavras, por que construções do tipo “*tinha livros no armário*” não são interpretadas como tendo argumento externo (interpretado como possuidor) de referência genérica ou arbitrária, significando que “qualquer/alguma pessoa tinha livros no armário”?

Um possível ponto de partida para responder a essa questão está na observação de uma propriedade que salta aos olhos entre as orações existenciais com *ter* no período oitocentista: a ocorrência de constituintes locativos preposicionados imediatamente prepostos ao verbo – das *Ex-ter* identificadas no século XIX, 67% trazem um locativo em posição pré-verbal, como em (108) a seguir, enquanto entre as *Ex-haver* esse percentual é de apenas 17%.

(108) a. [19,1 A BA]

[ *Na primeira Prença* ] **tem** farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro

b. [19,2 CL BA]

[ *no livro* ] já **tinha** recibos de quantias maiores

c. [19,1 A CE]

[ *Na loja de fazendas de Desiderio Antonio de Miranda, na rua da l'alma nº 35* ], **tem** para vender um lindo e variado sortimento de fazendas francezas

d. [19,1 A CE]

[ *Na venda Chegao ao barato* ] **tem** bom doce de marmelada e de goiaba.

e. [19,2 A SP]

[ *na casa* ] **tem** muito commodo

f. [19,1 A PE]

[ *Na loja de frente da Madre-Deos Número 20* ] **tem** para vender Rapé de superior qualidade

g. [19,1 A PE]

[ *na mesma Loje* ] **tem** para vender sapatos Francezes para homem a preso de 560 reais

A análise por região mostra que a alta frequência de locativos na posição pré-verbal das *Ex-ter* era uma tendência generalizada, conforme ilustrado na Figura 10: com exceção das amostras do Rio de Janeiro, que não apresentam casos de *Ex-ter*, os locativos preposicionados pré-verbais são bastante frequentes entre as existenciais com o verbo possessivo, ao contrário do que se observa entre as *Ex-haver*.

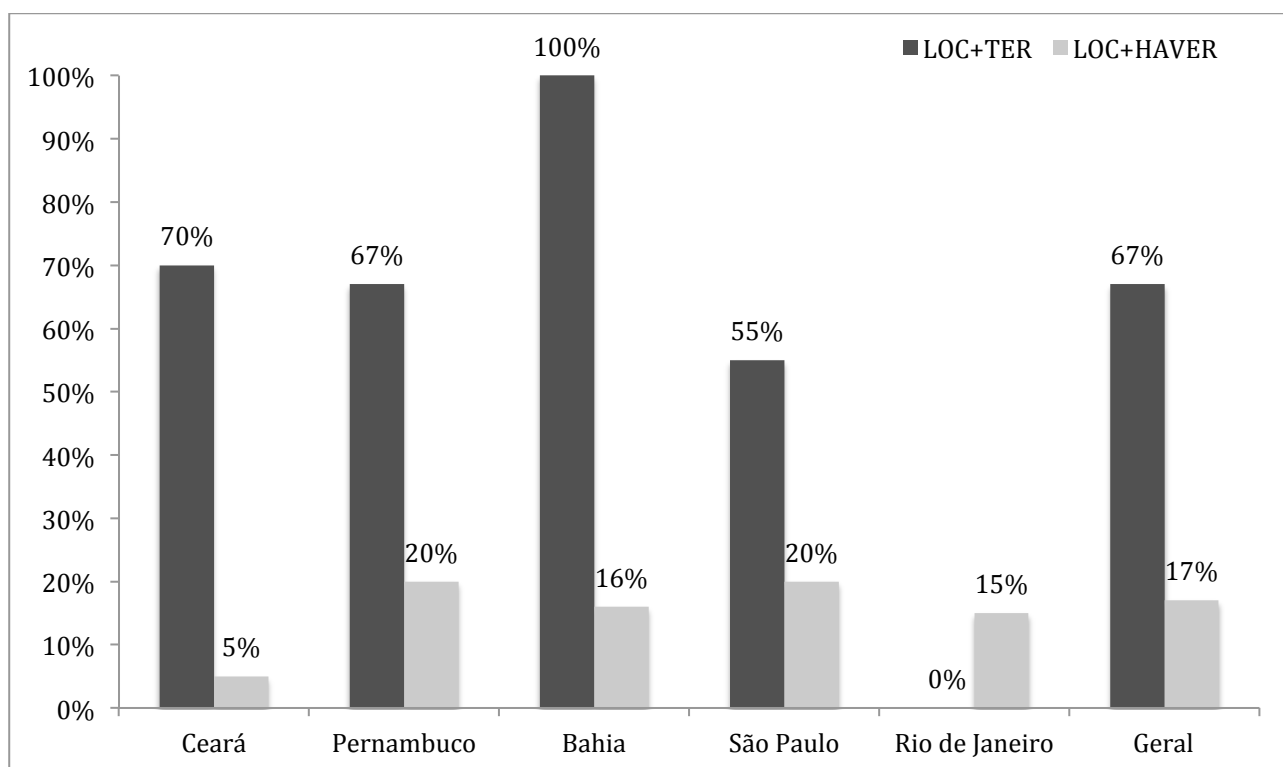


Figura 10: Frequência de locativos preposicionados pré-verbais em Ex-ter e Ex-haver em amostras de anúncios e cartas de leitor do português brasileiro oitocentista.

Na literatura sobre as orações existenciais dentro de diferentes correntes teóricas, é largamente destacada a relevância de constituintes com interpretação locativa na configuração sintático-semântica das sentenças que servem à expressão de existência (Lyons 1967; Clark 1978; Freeze 1992; Viotti 1999). Freeze, por exemplo, salienta que estruturas inerentemente estativas/copulativas adquirem uma leitura existencial quando constituintes locativos são licenciados na posição de sujeito dessas estruturas. A considerar o exposto pelo autor, trata-se de uma propriedade universal das línguas naturais, hipótese que pode ser corroborada pelo fato de que, em muitas línguas (talvez a maior parte delas), as sentenças existenciais são canonicamente produzidas com verbos copulativos – com *to be* em inglês e *essere* em italiano – que são acompanhados por itens de natureza locativa (no inglês e no italiano, a título de exemplo, vemos respectivamente os expletivos *there* e *ci*, ambos de base locativa).

Frente a esse quadro, se a hipótese de que os verbos possessivos resultam da combinação da cópula com um item relacional estiver correta, tal como assumido na seção 2.2, é possível explicar por que as sentenças nas quais *ter* é precedido de um constituinte locativo adquirem interpretação existencial, como nos exemplos em (108) do estágio oitocentista. À luz dessa assunção, constituintes locativos que entram na posição de sujeito do verbo *ter* estão, a rigor, entrando da posição de sujeito de uma estrutura copulativa, produzindo o resultado previsto por Freeze: estruturas dessa natureza adquirem interpretação existencial quando trazem locativos em posição de sujeito. Trata-se de uma consequência natural sob a hipótese de que o verbo *ter* resulta da

combinação dos traços da cópula *estar* com a preposição *com*. A esse respeito, cabe observar que todos os exemplos de orações existenciais com *estar com* apresentados anteriormente em (42), parcialmente reproduzidos em (109) a seguir, trazem um constituinte locativo em posição pré-verbal, que pode ser identificada como sendo a posição de sujeito. Em síntese: uma vez que as orações possessivas com *ter* são inerentemente copulativas, não surpreende que a entrada de constituintes locativos na posição de sujeito dessas orações produzam a interpretação existencial, manifestando, ao que tudo indica, uma propriedade universal das línguas naturais.

- (109) a. “no avião **tá com** novas telas que tem acesso a wi-fi”  
b. “lá em casa **tá com** internet agora, de vez em quando de noite eu entro”  
c. “lá na praia **tá com** Net e td, vou entrar por lá, mas n com tanta frequência”  
d. “meu pai foi fritar o bife e na panela **tava com** açúcar e ele pensava que era gordura”  
e. “aqui no Rio **tá com** uma chuvinha bem gostosa e o tempo tá bem fresquinho”

Um aparente argumento contra essa análise é o fato de a presença de constituintes locativos não ser obrigatória na configuração de sentenças existenciais do português, seja nas construções com *ter*, seja naquelas com *haver*. A esse respeito, é importante ressaltar que a previsão de Freeze não diz respeito à obrigatoriedade de constituintes locativos ocorrerem na posição de sujeito (ou em qualquer outra posição) no interior das estruturas copulativo-existenciais: a previsão correta, em termos empíricos, é a de que, se uma determinada estrutura de base copulativa admite constituintes locativos em posição de sujeito numa determinada língua, tal estrutura também admite a interpretação existencial nessa mesma língua. Daí resulta, pelo menos em parte, a principal diferença entre o português brasileiro e o português europeu no que diz respeito ao verbo *ter*: na variedade brasileira, mas não na europeia, *ter* admite locativos preposicionados em posição de sujeito, o que garante a esse verbo a possibilidade de receber a interpretação existencial.

Essa análise traz embutida uma outra questão: por que o português brasileiro admite constituintes locativos preposicionados na posição de sujeito de orações com *ter*, em oposição ao português europeu? Uma possível resposta passa por observar uma outra mudança sintática atrelada à posição de sujeito: constituintes não-argumentais podem ocupar essa posição no português brasileiro, mas não no português europeu (Avelar e Galves 2011; Toniette 2013; Moreno 2014). Na esteira do pioneiro trabalho de Pontes (1987) a respeito do tópico no português brasileiro, diversos estudos têm chamado a atenção para o fato de essa variedade exibir propriedades das chamadas línguas *com proeminência de tópico* ou *orientadas ao discurso*, em oposição às chamadas línguas *orientadas ao sujeito* (Galves 1998; Negrão 1999; Duarte e Kato 2008; Modesto 2008; Avelar e Galves 2011). Entre essas propriedades, está a possibilidade de constituintes não-argumentais com interpretação locativa (ou seja, constituintes que não são selecionados pelo verbo) ocuparem a posição de sujeito (em termos gerativistas, a posição de Spec-T/Infl). As construções em (a) de (110)-(113) a seguir foram apresentadas em Avelar (2015); Avelar e Galves (2013, 2014) como



exemplos que mostram a entrada de constituintes locativos não-argumentais em posição de sujeito. Todos os casos apresentados são de construções em que um termo tradicionalmente analisado como adjunto adverbial ou complemento circunstancial/locativo ocorre em posição pré-verbal e concorda com o verbo. A correspondência do termo pré-verbal com essas funções é facilmente observada nas paráfrases em (b), nas quais o termo locativo é antecedido da preposição *em* ou *de*.

- (110) a. “**algumas concessionárias** tão caindo o preço [do carro]”<sup>25</sup>  
 b. **Em algumas concessionárias** tá caindo o preço do carro.
- (111) a. “**apenas 3 desses cinco monitores** aparecem imagem, enquanto os outros dois ficam aparecendo a mensagem”<sup>26</sup>  
 b. **Apenas em 3 desses cinco monitores** aparece imagem, enquanto nos outros dois fica aparecendo a mensagem.
- (112) a. “No interior de SP e do Rio, **algumas cidades** nevam”<sup>27</sup>  
 b. No interior de SP e do Rio, **em algumas cidades** neva.
- (113) a. “**Meus seios** estão saindo água, com veias roxas e grossas saltitantes”<sup>28</sup>  
 b. **Dos/Nos meus seios** está saindo água.

Os dados apresentados em Avelar e Cyrino (2008) mostram que o oposto também pode ocorrer: constituintes argumentais podem ganhar uma preposição e permanecer no que parece ser a posição de sujeito, como nos casos em (a) de (114)-(120) a seguir. As paráfrases em (b) mostram que os constituintes preposicionados pré-verbais em (a) podem dispensar a preposição sem que isso aparentemente afete o sentido (em termos temáticos/semânticos) da construção.

- (114) a. “**Na escola** ensina disciplinas, conceitos, idéias, princípios, relações dentro dos diferentes campos”<sup>29</sup>  
 b. **A escola** ensina disciplinas...
- (115) a. “**Quero saber se no hospital** atende paciente de Jataí para fazer cirurgia”<sup>30</sup>  
 b. **Quero saber se o hospital** atende paciente de Jataí para fazer cirurgia.
- (116) a. “**no ferro velho** compra e vende ferro, não plástico”<sup>31</sup>  
 b. **O ferro-velho** compra e vende ferro, não plástico.
- (117) a. “**O boleto** venceu dia 25/07, como faço para pagar [se] **no banco** não recebe mais[?]”<sup>32</sup>  
 b. ...**o banco** não recebe mais.
- (118) a. “**na minha escola** aceita cartão de crédito”<sup>33</sup>  
 b. **a minha escola** aceita cartão de crédito
- (119) a. “**no meu computador** imprime a etiqueta corretamente”<sup>34</sup>  
 b. **o meu computador** imprime a etiqueta corretamente
- (120) a. “**no meu carro** faz esse barulho de tuchos hidráulicos”<sup>35</sup>  
 b. **o meu carro** faz esse barulho de tuchos hidráulicos

De acordo com Avelar e Galves (2011), tanto os dados em (110)-(113) quanto aqueles em (114)-(120) se devem ao fato de o português brasileiro ter experimentado um processo de mudança, sem paralelo no português europeu, que teve o seguinte efeito: a posição de sujeito deixou de ser destinada exclusivamente a constituintes argumentais que concordam com a flexão verbal e passou a poder abrigar tanto constituintes não-argumentais em concordância com o verbo quanto

constituintes argumentais que, por já apresentarem marca de Caso (a preposição), não podem concordar com o verbo.<sup>36</sup>

Não é claro em que medida essas inovações relativas à entrada de termos “estranhos” na posição de sujeito podem estar correlacionadas à simplificação do paradigma verbo-flexional, tópico que, por si só, merece uma discussão mais ampla e foge ao escopo deste capítulo. O que merece ser aqui destacado é que a alta frequência de constituintes locativos preposicionados em imediata precedência ao verbo *ter* nos dados do período oitocentista é, possivelmente, um reflexo dessas inovações. Tais inovações também se fazem ver, ainda que não de forma totalmente inequívoca, em outros dados levantados nas fontes do século XIX, como nos anúncios reproduzidos em (121) e (122) a seguir, que trazem os constituintes locativos relevantes destacados em negrito.

(121) [19,2 A CE]

*PHARMACIA MATTOS. 79 Rua do Commercio n. 79. Joaquim de Alencar Mattos declara aos seus numerosos freguezes, que tendo feito uma reforma em sua pharmacia, resolveu tambem fazer uma reforma geral nos preços de suas drogas, vendendo tudo mais barato e mesmo por preços sem competencia. [...] E finalmente avisa que **na referida pharmacia despacha** tudo com a maior prontidão e asseio e que avia se receitas a qualquer hora do dia ou da noite. Pharmacia Mattos. 79 rua do commercio n. 79. Baturité.*

(122) [19,2 A CE]

*CASA DE OURIVES — DE — Gonçalo José do Nascimento. 36 — RUA D’ASSEMBLEA — 36. **Nesta casa prepara-se** qual obra de ouro, de prata, tudo a gosto do freguez, a tempo e a hora. OURO GARANTIDO DE TODOS OS QUILATES. Tambem **compra** ouro velho por maior preço do que outro qualquer. 36 — Rua da Assembléa — 36.*

Em (121), vemos um sintagma preposicionado locativo imediatamente precedente ao verbo *despachar* – “*na referida pharmacia despacha tudo com a maior prontidão*”. Observemos que, à primeira vista, há duas interpretações possíveis para essa construção: em uma delas, *despachar* tem um sujeito nulo correferencial ao proprietário da farmácia (Joaquim de Alencar Mattos), que seria a única leitura possível no português europeu; na outra interpretação, o sujeito do verbo *despachar* é o próprio termo preposicionado que antecede o verbo, leitura possível no português brasileiro contemporâneo. Um ponto favorável à ideia de que essa segunda interpretação já estava disponível no período em que o anúncio foi publicado é o fato de a oração com *despachar* ser coordenada com uma oração cujo verbo coocorre com o pronome *se* indefinido (“avia se receitas”), o que necessariamente bloqueia a leitura na qual o proprietário da farmácia possa ser tomado como sujeito de *aviar*. Frente ao requerimento de paralelismo que deve (ou, pelo menos, costuma) haver entre duas orações coordenadas, é provável que esse mesmo impedimento se aplique ao primeiro membro da coordenação, levando-nos a considerar que o termo *na referida pharmacia*, e não um pronome referencial nulo, esteja na posição de sujeito da oração com *despachar*. Em (122), é mais evidente que o termo locativo *nesta casa* está associado não apenas a *preparar-se*, mas também ao verbo *comprar*, no período subsequente.

A entrada de constituintes locativos na posição de sujeito de *ter* radica, portanto, num espectro maior de mudanças do português brasileiro, que envolve tanto os efeitos da simplificação do paradigma verbo-flexional quanto a possibilidade de constituintes locativos preposicionados serem licenciados em posição de sujeito. No conjunto das orações com *ter*, essas mudanças tiveram como resultado a utilização da estrutura possessiva para expressar existência, pelas razões apontadas ao longo desta seção: como a oração possessiva com *ter* é inerentemente copular, a entrada de constituintes locativos na posição de sujeito dessas estruturas abre espaço a que as mesmas possam ser interpretadas como existenciais. Trata-se, segundo Freeze, de uma propriedade universal que entra em jogo na configuração das construções copulativo-existenciais.

### ***Por que “ter” e “haver” não permaneceram em variação estável entre as orações existenciais?***

Pelo exposto até aqui, não fica claro, num primeiro momento, por que razão *ter* e *haver* não permaneceram em variação estável como verbos existenciais. Como destacado em Callou & Avelar (2000), o verbo *haver* vem caindo em franco desuso nas orações existenciais do português brasileiro, com seu emprego ficando restrito a contextos de uso formal da língua. A resposta para explicitar o porquê desse desuso possivelmente está no mesmo conjunto de fatores que resultaram na emergência de *ter* como verbo existencial: a restrição ao licenciamento de sujeitos nulos e a “pressão” para a entrada de constituintes locativos em posição de sujeito pode ter tornado o verbo *haver* um elemento que não se adequa às inovações atestadas no português brasileiro, uma vez que as orações com esse verbo são categoricamente impessoais. Em outras palavras, a posição de sujeito de *haver* não pode ser ocupada por nenhum elemento, em clara oposição às construções com *ter*, verbo inerentemente possessivo que traz em sua grade temática um lócus para a recepção de argumentos externos.

Como destacado em 2.2, uma das inovações que têm chamado a atenção no português brasileiro contemporâneo é o uso cada vez mais frequente de orações existenciais em que o pronome *você* com referência genérica aparece realizado em posição de sujeito, como nas construções exemplificadas em (20), parcialmente reproduzidas em (123) a seguir. Notemos ser esta uma propriedade observada apenas entre as construções existenciais com *ter*; nos casos com *haver*, tal como em (124), a introdução de *você* resulta em sentenças agramaticais. Callou e Avelar (2000) destacam que, na fala culta carioca, a frequência de *você* saltou de 2% na década de 70 para 20% na década de 90 do século XX. Esses números confirmam haver uma clara pressão do “sistema” à inserção de itens em posição de sujeito, fato que já se fazia presente entre as existenciais com *ter* na fase oitocentista, atestado pela alta frequência de constituintes locativos preposicionados em posição preverbal junto a esse verbo entre os dados do século XIX (ver os exemplos em (108) na seção anterior).

(123) *não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente **cê** tinha, Catumbi e, aí **você** tinha de repente uns sobrados, umas casas mais antigas né. A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo, com exceção da Barra, né, que **você** tem aqueles, em geral, prédios baixinhos (NURC-RJ 12 – DÉC. 90)*

- (124) a. *\*Você havia Catumbi.*  
b. *\*Você havia de repente uns sobrados.*  
c. *\*Você há aqueles prédios baixinhos.*

Em síntese, se a presente análise estiver no caminho correto, a variação entre *ter* e *haver* não permaneceu estável pelo fato de as inovações emergentes no português brasileiro privilegiarem estruturas que licenciam constituintes expressos em sua posição de sujeito. Uma vez que *haver* não atende a esse requisito, seu uso ficou (ou vem ficando cada vez mais) restrito a contextos formais de interlocução e à língua escrita, ao contrário de *ter*, que, pelas razões expostas, conquistou o posto de existencial canônico do vernáculo brasileiro.

### 3.3 ETDs na diacronia do português brasileiro

Nas amostras de anúncios e cartas de leitor dos períodos oitocentista e novecentista, só foram identificadas EDTs com *haver*. Nos dados oitocentistas, a única diferença significativa em contraste com o observado nos dias atuais é a ocorrência de ETDs preposicionadas, como nos exemplos em (125) abaixo. ETDs antecedidas de preposição são bastante incomuns no português brasileiro contemporâneo, mesmo em textos escritos formais.

- (125) a. [19,2 CL BA]  
*“sabia-se que **de há muito** era essa nomeação objecto de grande capricho”*  
b. [19,2 CL RJ]  
*“foi esta a primeira ocasião, **de ha certo tempo para cá**, em que um homem atacou de frente as instituições”*  
c. [19,2 CL SP]  
*“Embora que **de ha muito tempo**, trabalhe-se para o desenvolvimento da indústria”*

Quanto ao emprego de *ter* e *estar com* nas ETDs, atestado em dados de fala do contemporâneo (ver 1.3 e 2.3), trata-se de inovações que podem ter emergido pelas mesmas razões que levaram a estrutura possessiva a ser empregada nas expressões existenciais: a necessidade de dispor da posição de sujeito para inserir elementos. Dados como os que se seguem, em que ETDs com *ter* e *estar com* trazem certas categorias (fonologicamente realizadas ou nulas) em posição de sujeito, são bastante comuns na fala espontânea. Contudo, estudos que visem a confirmar se o preenchimento da posição de sujeito vem se tornando mais frequente entre essas expressões ainda estão por ser feitos.

- (126) a. *“**nós temos** o quê? **nós temos** praticamente seis anos... **nós temos** praticamente seis anos que **nós temos** isso aqui”* (PEUL-CENSO 10/80)  
b. *“**eu tenho** uns três anos... dois anos que eu viajo para o Espírito Santo”* (PEUL-CENSO 23/90)

- c. “**tenho** vinte e dois anos que eu frequento [a religião]” (PEUL-CENSO 35/90)
- d. “...**tô com** oito dia que tô estudano...” (MOQUÉM F12)
- e. “**eu tô com** sete ano que aleijeĩ” (MOQUÉM F4)
- f. “**tô com** sessenta pa setenta ano que eu tô aqui” (MOQUÉM F4)

Um importante contraste na comparação com as construções existenciais é que, entre as ETDs, *haver* ainda é largamente empregado, sendo a forma mais usada nas variedades referidas na seção 1.3 (falar carioca, falar paulista, falar cearense e falar rural alagoano). Contudo, os números atestados por Avelar (2011) na fala carioca mostram uma diminuição na frequência de *haver*, em favor dos casos com *ter*, da década de 70 para a década de 90. Apenas estudos futuros, que se voltem a recortes temporais do século XXI, poderão confirmar se essa superposição das ETDs-*ter/estar com* sobre as ETDs-*haver* é uma mudança em progresso ou, ao contrário, se encontra estabilizada.

Vale chamar a atenção para o fato de que, contrariamente ao observado no domínio das construções existenciais, a variação nesse caso não envolve a alternância entre estruturas oracionais: considerando o exposto na seção 2.3, estamos aqui diante da variação entre uma estrutura de base nominal (as ETDs com *haver*) e outra de base oracional (as ETDs com *ter* e *estar com*). Nas construções existenciais, o que parece ter entrado em jogo, em função de inovações atreladas à posição de sujeito, foi o chamado *efeito de bloqueio* (do inglês *blocking effect*), que conduz à supressão de uma determinada forma linguística nos casos em que duas formas funcionalmente idênticas entram em competição, nos termos discutidos em Kroch (1994) a partir da proposta de Aronoff (1976). Esse parece ter sido o caso da disputa entre *ter* e *haver* nas orações existenciais, nas quais as duas formas são categorialmente idênticas (ambas são itens verbais que servem praticamente às mesmas funções gramaticais), o que resultou na supressão progressiva de uma delas – o verbo *haver*, que se mostra, como vimos, menos vantajoso do que *ter*, face aos requerimentos desencadeados pelas inovações do português brasileiro relativamente à posição de sujeito.

Em contraste, *ter* e *haver* não devem ser tratados como formas funcionalmente idênticas nas expressões de tempo decorrido, uma vez que as ETDs-*ter/estar com* são oracionais, enquanto as ETDs-*haver* são nominais. Isso implica o tratamento de *haver* como um item preposicional, e não verbal, na constituição de tais expressões. Por extensão, o efeito de bloqueio não se aplica às ETDs, o que significa que, se nenhum outro fator entrar em jogo, nenhum dos dois padrões de ETD está sob o risco de ser suprimido. Se esta análise estiver correta, podemos prever que a variação entre a ETD-*ter/estar com* e a ETD-*haver* ficará estável, sem que uma forma se sobreponha à outra, em oposição ao que ocorreu entre as orações existenciais.

## CONCLUSÃO

O panorama diacrônico apresentado neste capítulo em torno das orações possessivas e existenciais confirma, em grande medida, uma previsão feita por Fernando Tarallo em seu famoso texto intitulado *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX*. Partindo de evidências quantitativas e qualitativas, o autor assinala que “o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final do século XIX, de sua própria língua/gramática” (1996: 99). Considerando os resultados expostos neste capítulo, a emergência de *ter* como verbo existencial canônico pode ser incluída, inquestionavelmente, no rol das propriedades gramaticais que compõem a língua/gramática em posse do cidadão brasileiro nos oitocentos.

Como ressaltado ao longo do capítulo, há evidências bastante significativas para sustentar a hipótese de que as mudanças experimentadas pelas sentenças existenciais (e, na mesma linha, pelas expressões de tempo decorrido) se devem à confluência de duas inovações sintáticas no conjunto de propriedades relativas à posição gramatical de sujeito no português brasileiro: a possibilidade de constituintes locativos preposicionados serem realizados em tal posição e a emergência de restrições para o licenciamento de sujeitos nulos referenciais. O segundo fator está inequivocamente associado à simplificação do paradigma flexional, mas ainda não há clareza, a considerar os estudos feitos até aqui, se o primeiro fator deve ou não ser atribuído a essa simplificação. De todo modo, a possibilidade de atribuir um valor existencial a estruturas inerentemente possessivas parece, no português brasileiro, ser devida a uma pressão desencadeada por mudanças que afetaram propriedades da posição de sujeito.

Por fim, uma linha de investigação que poderá, em estudos futuros, contribuir para uma melhor compreensão das orações possessivas e existenciais na história da língua portuguesa em geral é a observação do que vem ocorrendo em variedades do português emergentes na África. Tanto em Angola quanto em Moçambique, por exemplo, o verbo *ter* é largamente empregado como existencial, o que sugere se tratar de uma inovação produzida por dinâmicas de contato interlinguístico. Diferentes trabalhos já revelaram que o português emergente na África guarda muitas similaridades com o vernáculo brasileiro no que diz respeito ao sistema de concordância (Inverno 2005, 2011; Jon-And 2013) e à inserção de constituintes não argumentais em posição de sujeito (Avelar e Cyrino 2008; Avelar e Galves 2013, 2014; Avelar 2015), além de outras propriedades gramaticais relevantes (Petter 2009; Negrão e Viotti 2014). Num plano mais geral, portanto, o resultado das inovações identificadas entre as orações possessivas e existenciais podem ser parte do que Petter (2009) denomina de *continuum* afro-brasileiro do português, estabelecido em grande medida pela influência do aporte africano na emergência e consolidação de novas variedades da língua portuguesa.

## Referências

- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Massachusetts: The MIT Press, 1976.
- AVELAR, Juanito. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14(2), p. 99-149, 2005.
- AVELAR, Juanito. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de haver no português brasileiro. *Letras de Hoje*, 143. 49-74, 2006.
- AVELAR, Juanito. The status of the (supposed) expletive in Brazilian Portuguese existential clauses. In: TORK, Danièle; WETZELS, Leo (orgs.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2009a. p. 17-32.
- AVELAR, Juanito. On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese. In: CRISMA, Paola; LONGOBARDI, Giuseppe (orgs.). *Historical syntax and linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009b. p. 158-175.
- AVELAR, Juanito. The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo (org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009c. 139-160.
- AVELAR, Juanito. *Ter, Ser e Estar – Dinâmicas morfossintáticas no português brasileiro*. 1ª ed. Campinas: RG Editora, 2009d.
- AVELAR, Juanito. Expressões de tempo decorrente com TER e HAVER na fala carioca. *Diadorim*, 8, p. 161-180, 2011.
- AVELAR, Juanito. Expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente na fala dos quilombolas de Moquém. *Stockholm Review of Latin American Studies*, v. 8, p. 65-82, 2012.
- AVELAR, Juanito. Sobre a emergência das construções de tópico-sujeito no português brasileiro: mudança desencadeada por contato? In: AVELAR, Juanito; AVELAR-LÓPEZ, Laura (eds.). *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt, Berlim: Peter Lang, 2015. p. 127-148.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Gramática e variação no português brasileiro. In: LOBO, Maria; COUTINHO, Maria Antonia (org.). *Textos selecionados – XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2007a. p. 183-197.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sobre a emergência dos verbos possessivos em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; CYRINO, Sonia; LOPES, Ruth; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007b. p. 375-402.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, Antonio Soares; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel. (orgs.). *Línguas Pluricêntricas - Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Aletheia, 2012. p. 287-300.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, p. 218-249, 2008.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: COSTA, Armanda; FALÉ, Isabel; BARBOSA, Pilar (orgs.). *Textos selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2011. p. 49-65.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: MOURA, Maria Denilda; SIBALDO, Marcelo (eds.). *Para a história do*. Maceió: EdUFAL, 2013. p. 103-132.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Linguística – Revista da ALFAL*, 30(2), p. 239-286, 2014.
- BELVIN, Robert; DEN DIKKEN, Marcel. “There”, happens, “to”, “be”, “have”. *Lingua*, 101, p. 151-183, 1997.
- BERLINCK, Rosane. A construção V SN no português do Brasil – um estudo diacrônico sobre o fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.
- BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERT, Ian; SHEEHAN, Michelle. *Parametric variation. Null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, 9, p. 85-114, 2000.

- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre TER e HAVER em anúncios do século XIX. In: ALKMIN, Tania (org.). *Para a história do português brasileiro*, vol. III. São Paulo: Humanitas/USP, 2003. 47-68.
- CARDOSO, Suzana. “Ter/Haver” no português do Brasil: mudança linguística e ensino. *Atas do I Simpósio sobre Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CLARK, Eve. Locational: existential, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, Joseph. (org.). *Universals of Human Languages*, v. 4, Syntax. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 85-126.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Campinas, 1995. Tese de Doutorado – IEL/UNICAMP.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, Ataliba; CYRINO, Sonia; LOPES, Ruth; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (orgs.). *Descrição, História e Aquisição do*. São Paulo: Editora Pontes, 2007. p. 35-48.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia; KATO, Mary. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade do Minho, Braga, 20-22 de novembro, 2008.
- ELEUTÉRIO, Silvia. 2003. *A variação TER/HAVER: documentos notariais do século XVII*. Rio de Janeiro, 2003. Tese de Doutorado – FL/UFRJ.
- FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Sobre as gramáticas das orações impessoais com “ter/haver”. *D.E.L.T.A.*, 14 (especial), 1998, p. 113-140.
- FREEZE, Ray. Existential and other locatives. *Language*, 68, p. 553-595, 1992.
- GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 34, p. 7-21, 1998.
- GONÇALVES, Elisângela. *Ser ou não ser: eis a questão – Construções existenciais com o verbo SER no português brasileiro contemporâneo*. Campinas, 2012. Tese de Doutorado – IEL/UNICAMP.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (orgs.). *The view from building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics*, 21, p. 275-288, 1994.
- HOLMBERG, Anders. Control into finite clauses in partial null-subject languages. In: BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERT, Ian; SHEEHAN, Michelle (orgs.). *Parametric variation. Null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 125-152.
- HOLMBERG, Anders; NAYADU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguística*, 63, p. 59-97, 2009.
- INVERNO, Liliana. *Angola’s transition to Vernacular Portuguese*. Coimbra, 2005. Dissertação de Mestrado – Universidade de Coimbra.
- INVERNO, Liliana. *Contact-induced restructuring of Portuguese morpho-syntax in interior Angola*. Coimbra, 2011. Tese de Doutorado – Universidade de Coimbra.
- JON-AND, Anna. *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde*. Estocolmo, 2013. Tese de Doutorado – Stockholms Universitet.
- KATO, Mary. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary; NEGRÃO, Esmeralda (eds.). *The null subject parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert – Latino-Americana, 2000. p. 223-258.
- KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, Maria Aldina; KOLLER, Erwin; TEIXEIRA, José; LEMOS, Aida Sampaio (orgs.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005. p. 131-145.
- KAYNE, Richard. Toward a Modular Theory of Auxiliary Selection. *Studia Linguística*, 47, p. 3-31, 1993.
- KROCH, Anthony. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. *et al.* (orgs.). *Proceedings of the 30th Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society*. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1994. p. 180-201.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.



- LONGA, Victor; LORENZO, Guillermo; RIGAU, Gemma. Subject clitics and clitics recycling: locative sentences in some Iberian Romance languages. *Journal of Linguistics*, 34, p. 125-184, 1998.
- LYONS, John. A Note on possessive, existential, and locative Sentences. *Foundations of Language*, 3, p. 390-396, 1967.
- MARINS, Juliana. As sentenças existenciais no português brasileiro: ecos da mudança na marcação paramétrica. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 83-100.
- MARINS, Juliana. *Ter, Haver e Existir: a representação do sujeito pronominal nas construções existenciais numa perspectiva diacrônica*. Rio de Janeiro, 2013. Tese de Doutorado – FL-UFRJ.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Variação e mudança no português arcaico: “ter” ou “haver” em estruturas de posse. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. (orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 299-311.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. A variação “haver/ter”. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (org). *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA/UEFS/CNPq, 1996. p. 181-194.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Vitórias de “ter” sobre “haver” nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virginia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio (orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 119-142.
- MODESTO, Marcello. Topic prominence and null subjects. In: BIBERAUER, Theresa. *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 375-409.
- MOURA, Denilda. *Resquícos de Palmares – O que uma comunidade quilombola nos diz*. Maceió: edUFAL, 2009.
- MORENO, Bruna. *Tough-constructions e posição de sujeito no português brasileiro*. Campinas, 2014. Dissertação de Mestrado – IEL/Unicamp.
- NEGRÃO, Esmeralda. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. São Paulo, 1999. Tese de Livre Docência – FFCLH/USP.
- NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática da impessoalização do português brasileiro e angolano. *Linguística – Revista da ALFAL*, 30(2), p. 287-328, 2014.
- OLIVATO, Rafael. *Expressões de tempo decorrente com “haver”, “ter” e “tá com” na fala carioca, cearense e do interior paulista*. Campinas, 2012. Monografia de conclusão de curso – IEL/Unicamp.
- OUHALLA, Jamal. Possession in sentences and noun phrases. In: LECARME, Jacqueline; LOWESTAMM, Jean; SHLONSKY, Ur (orgs.). *Research in Afroasiatic Grammar. Papers from the Third Conference on Afroasiatic Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 221-242.
- PAIVA, Máira Silva de. *Há muito tempo atrás – Um estudo sobre HAVER + nome com valor temporal*. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação de Mestrado – FL/UFRJ.
- PETTER, Margarida. O continuum afro-brasileiro do português. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Hélder; RIBEIRO, Fernando Rosa (eds.). *África-Brasil – caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 158-173.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). – *Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 343-386.
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914 (relançamento).
- REINTGES, Chris; LIPTÁK, Anikó. Have = be+P: new evidence for the preposition incorporation analysis. In: FRASCARELLI, Mara (ed.). *Phases in interpretation*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006. p. 112-118.
- RODRIGUES, Cilene. 2002. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese. In: LIGHTFOOT, David. (ed.). *Syntactic effects of morphological changes*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 160-178.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. *Estudo diacrônico dos verbos “ter” e “haver”, duas formas em concorrência*. Assis: Negro, 1978.
- SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp / São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Rosângela. A variação “ter/haver” na fala pessoense. In: HORA, Dermeval (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: ILAPEC, 2004. p. 219-234.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). – *Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 69-105.

TONIETTE, Harley. *Concordância com sintagmas não-argumentais no português brasileiro*. Campinas, 2013. Dissertação de Mestrado – IEL/Unicamp.

TORREGO, Esther. Aspect in the prepositional system of Romance. In: SATTERFIELD, Teresa; TORTORA, Christina; CRESTI, Diana. (orgs.). *Current issues in romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 326-346.

VIOTTI, Evani. *Uma história sobre “ter” e “haver”*. Caderno de Estudos Lingüísticos, 34, p. 41-65, 1998.

VIOTTI, Evani. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. São Paulo, 1999. Tese de Doutorado – FFLCH/USP.

---

\* O presente capítulo apresenta resultados alcançados em pesquisas desenvolvidas no âmbito de dois projetos financiados pela FAPESP: *Constituintes Locativos e Direcionais em Afro-Variedades de Português e Espanhol* (pesquisa no exterior – processo 13/07112-9) e *A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica* (projeto temático sob a coordenação da Profa. Dra. Charlotte Galves - processo 12/06078-9).

<sup>1</sup> Neste capítulo, o uso de aspas na apresentação de exemplos indica, entre outros casos, que o dado foi extraído de uma das três seguintes amostras de fala: PEUL/CENSO (Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua), NURC/RJ (Norma Urbana Culta / Rio de Janeiro) ou MOQUÉM (Amostra com moradores da comunidade quilombola de Moquéim / União dos Palmares, Alagoas). Na sequência da indicação de cada amostra, são apresentados o número do informante (ou da entrevista) e, nos casos de PEUL/CENSO e NURC, a década em que a amostra foi coletada (70, 80 ou 90). As amostras do PEUL/CENSO e NURC estão disponíveis na internet, nos seguintes endereços: [www.letras.ufrj.br/peul](http://www.letras.ufrj.br/peul) e [www.letras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj). A amostra MOQUÉM foi disponibilizada em Moura (2009).

<sup>2</sup> Este capítulo não irá se ocupar de casos com *possuir*, que, embora ocorra em predicados tipicamente possessivos, não se configura como um item pertencente ao rol de verbos funcionais do português. Ao contrário de *ter*, *haver* e *estar*, que são itens tipicamente funcionais, o verbo *possuir* não pode ser empregado como auxiliar, bem como não mostra sinais de desbotamento semântico, uma condição que costuma caracterizar a reanálise de verbos lexicais/substantivos como funcionais.

<sup>3</sup> O símbolo “#” é aqui utilizado (cf. 5a e 6b) para indicar que, embora uma sentença seja gramaticalmente bem formada, o seu emprego causa estranhamento, por razões de ordem semântica e/ou pragmática.

<sup>4</sup> Para uma discussão mais ampla a respeito da caracterização de *ter* como verbo leve, vejam-se os trabalhos de Viotti (1999) e Avelar (2009d).

<sup>5</sup> Para um tratamento das orações existenciais no português brasileiro a partir de uma visão lexicalista (em oposição, portanto, à visão não-lexicalista dos trabalhos de Avelar), ver o trabalho de Viotti (1999).

<sup>6</sup> Para outros estudos que procuram captar propriedades sintático-semânticas das orações existenciais do português brasileiro, ver os trabalhos de Viotti (1999); Franchi, Negrão e Viotti (1998); Avelar (2009a, 2009b, 2009c, 2009d) e Gonçalves (2012).

<sup>7</sup> <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130501161729AA4n3db>, acesso em 11/07/2014.

<sup>8</sup> <http://forum.vidadeperiquito.com.br/t575-femea-arrumando-o-ninho>, acesso em 11/07/2014.

<sup>9</sup> <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-idolos-shinee-its-you-475302/capitulo9>, acesso em 11/07/2014.

<sup>10</sup> <http://jornalmaisdom.blogspot.se/2011/07/especial-redes-sociais-nos-por-nos.html>, acesso em 11/07/2014.

<sup>11</sup> <http://anti-taxi.blogspot.se/2007/08/um-episodio-de-chaves-que-eu-gostaria-de.html>, acesso em 11/07/2014.

---

<sup>12</sup> [www.gpguia.net/viewtopic.php?f=141&t=14800&start=220](http://www.gpguia.net/viewtopic.php?f=141&t=14800&start=220), acesso em 11/07/2014.

<sup>13</sup> [http://www.fotolog.com/otavio\\_mota/22479959/](http://www.fotolog.com/otavio_mota/22479959/), acesso em 11/07/2014.

<sup>14</sup> <http://ask.fm/carolbfalcao/best>, acesso em 11/07/2014.

<sup>15</sup> <http://www.nicholasgimenes.com.br/2008/11/2008nov-curitiba-pr.html>, acesso em 11/07/2014.

<sup>16</sup> <http://minhacasaorganizada.wordpress.com/2013/10/31/creme-de-ervilha-maravilha/>, acesso em 11/07/2014.

<sup>17</sup> [https://twitter.com/Lays\\_Pontes](https://twitter.com/Lays_Pontes), acesso em 11/07/2014.

<sup>18</sup> Uma propriedade interessante do pronome *você* é o fato de esse item permitir o estabelecimento de contrastes pragmáticos com outros pronomes pessoais que também podem ser usados com referência indeterminada, como *a gente* e *nós*. Comparemos, a título de exemplo, os casos em (a) e (b) nas construções em (i)-(ii) a seguir. Enquanto as sentenças em (b), que trazem as formas de *a gente* e *nós* em posição de sujeito, só podem ser naturalmente enunciadas por um falante que tenha alguma relação com o Japão (por exemplo, mora no Japão ou viaja pra lá com frequência) e com o Rio de Janeiro (por exemplo, é um carioca que gosta de bailes de carnaval), as sentenças em (a), com o pronome *você*, podem ser enunciadas por qualquer falante sem causar qualquer tipo de estranhamento, mesmo que nunca tenha ido ao Japão ou que viva longe do Rio. Esse pronome integra, portanto, um paradigma dentro do qual é possível estabelecer uma escala de genericidade atrelada à relação dos interlocutores com o que está sendo enunciado.

- (i) a. *Você* tem praias belíssimas no Japão.  
b. *A gente* tem praias belíssimas no Japão.
- (ii) a. *Você* tinha excelentes bailes de carnaval aqui no Rio na década de 60.  
b. *Nós* tínhamos excelentes bailes de carnaval aqui no Rio da década de 60.

<sup>19</sup> Contudo, se o verbo da ETD for realizado em outro tempo que não o presente do indicativo, como nos exemplos em (i), os casos de clivagem com a ETD-*haver* segue o comportamento da ETD-*ter*, resultando em construções agramaticais.

- (i) a. \* Foi *havia/tinha dois dias* que eu não almoçava.  
b. \* Eu não almoçava foi *havia/tinha dois dias*.

<sup>20</sup> Para o século XX, o estado de São Paulo foi desconsiderado, uma vez que não havia – pelo menos na altura em que a investigação estava sendo desenvolvida – material representativo dessa localidade para o período em questão no *corpus* mínimo do PHPB.

<sup>21</sup> Agradeço à colega Charlotte Galves por ter me fornecido essas dados com *estar com*, extraídos do Corpus Tycho Brahe.

<sup>22</sup> Nas construções em questão, os sujeitos nulos referenciais internos às orações infinitivas podem ser tratados como instâncias de PRO controlado, à luz das análises clássicas propostas para as categorias vazias na Teoria de Regência e Ligação. No âmbito das investigações que adotam a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, essa análise não tem sido consensual, havendo quem argumente que os casos de PRO controlado são, na verdade, cópias apagadas de constituintes movidos.

<sup>23</sup> Por *gramática nuclear* e *gramática periférica*, entende-se o que Chomsky (1981) denomina *core grammar* e *periphery*, respectivamente. Seguindo os desdobramentos propostos por Kato (2005) em torno desses conceitos, uma gramática periférica “pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal” (p. 3), contrariamente à gramática nuclear, que resulta do processo natural de aquisição da língua.

<sup>24</sup> Na literatura atual sobre o parâmetro *pro-drop*, tem sido largamente assumida a seguinte classificação: *línguas não pro-drop* (como o inglês e o francês), que não admitem sujeitos nulos em orações finitas, a não ser em contextos específicos, como em estruturas coordenadas e sentenças com verbos no modo imperativo; *línguas radicalmente pro-drop* (como o chinês), que recorrem preferencialmente a sujeitos nulos, mesmo apresentando um paradigma verbo-flexional reduzido; *línguas canonicamente pro-drop* (como o português europeu, o espanhol e o italiano), que recorrem preferencialmente a sujeitos nulos, em lugar de sujeitos fonologicamente explícitos, em função de seu rico paradigma verbo-flexional; *línguas parcialmente pro-drop* (como o português brasileiro e o islandês), que, embora admitam sujeitos nulos, apresentam fortes restrições à sua realização. Para mais detalhes a respeito dessa divisão, vejam-se os trabalhos publicados na coletânea organizada por Biberauer *et al.* (2010), em especial o trabalho de Holmberg (2010).

- 
- <sup>25</sup> <http://forum.carrosderua.com.br/index.php?showtopic=122656>, acesso em 11/07/2014.
- <sup>26</sup> <http://linuxeducacional.com/mod/forum/discuss.php?d=1587>, acesso em 11/07/2014.
- <sup>27</sup> [http://www.youtube.com/all\\_comments?v=IIOPh-mITyc](http://www.youtube.com/all_comments?v=IIOPh-mITyc), acesso em 11/07/2014.
- <sup>28</sup> <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100719154841AAOC7HX>, acesso em 11/07/2014.
- <sup>29</sup> <http://www.slideshare.net/AdrianaPereiraNeriNeri/os-meios-na-escola-9123884>, acesso em 11/07/2014.
- <sup>30</sup> <https://www.facebook.com/pages/Hospital-S%C3%A3o-Lucas-de-Mineiros-Ltda/167040896690477>, acesso em 11/07/2014.
- <sup>31</sup> [http://www.g391.ru/video.php?yt=9QTc\\_Zy-KVo](http://www.g391.ru/video.php?yt=9QTc_Zy-KVo), acesso em 11/07/2014.
- <sup>32</sup> [https://www.google.se/search?q=%22no+banco+recebe%22&rlz=1C1SFXN\\_enSE565SE565&oq=%22no+banco+recebe%22&aqs=chrome..69i57j0.3488j0j8&sourceid=chrome&espv=210&es\\_sm=93&ie=UTF-8#q=%22no+banco+n%C3%A3o+recebe%22](https://www.google.se/search?q=%22no+banco+recebe%22&rlz=1C1SFXN_enSE565SE565&oq=%22no+banco+recebe%22&aqs=chrome..69i57j0.3488j0j8&sourceid=chrome&espv=210&es_sm=93&ie=UTF-8#q=%22no+banco+n%C3%A3o+recebe%22), acesso em 11/07/2014.
- <sup>33</sup> [twitter.com/giiovannaflores/status/18219596304](https://twitter.com/giiovannaflores/status/18219596304), acesso em 11/07/2014.
- <sup>34</sup> <http://www.suportegas.com.br/portal/topic.asp?>, acesso em 11/07/2014.
- <sup>35</sup> [www.vetraclube.com.br/forum/viewtopic.php?](http://www.vetraclube.com.br/forum/viewtopic.php?), acesso em 11/07/2014.
- <sup>36</sup> Avelar & Galves (2011) argumentam, em termos formais, que essas duas consequências pode ser captadas pelo fato de o EPP de T(empo) no português brasileiro ser phi-independente, no sentido proposto em Holmberg (2010): Spec-T pode, nessa língua, ser criado para abrigar elementos que não concordam com os traços-phi presentes em T. No português europeu, bem como nas demais línguas românicas (da mesma forma que no inglês), o EPP de T(empo) é phi-dependente, o que implica que, nessa língua, Spec-T sempre abriga constituintes que desencadeiam concordância com a flexão verbal.